

Prêmio

SOLANO TRINDADE

coletânea

jovens

dramaturgos

negros

2020



Organização Social de Cultura

LUCIAS

Governador do Estado

João Doria

Vice-Governador

Rodrigo Garcia

SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA**Secretário**

Sérgio Sá Leitão

Secretária-Executiva

Cláudia Pedrozo

Chefe de Gabinete

Frederico Mascarenhas

Coordenador da Unidade de Formação Cultural - UFC

Dennis Alexandre Rodrigues de Oliveira

Coordenadora da Unidade de Fomento e Economia Criativa - UFEC

Natalia Silva Cunha

Coordenadora da Unidade de Preservação do Patrimônio Histórico - UPPH

Valéria Rossi Domingos

Coordenadora interina da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico - UPPM

Paula Paiva Ferreira

Coordenador da Unidade de Difusão Cultural, Bibliotecas e Leitura - UDBL

Christiano Lima Braga

Coordenadora da Unidade de Monitoramento dos Contratos de Gestão

Gisela Colaço Geraldi

Assessoria Técnica de Gabinete

Maithê Rocha da Costa Monteiro

Assessoria de Assuntos Parlamentares

Samantha Jane Adaolisa Ogbonna

Assessoria de Gêneros e Etnias

Efren Eduardo Colombani

Grupo Técnico de Coordenação do Sistema Estadual de Museus - GTC SISEM-SP

Davidson Panis Kaseker

Centro de Bibliotecas

Ilíria Ruiz Pilissari

Procurador-Chefe da Consultoria Jurídica

Fábio Teixeira Rezende

Grupo de Planejamento e Acompanhamento de Obras

Celso Yassumi Nomoto

Departamento de Finanças e Orçamentos

Sildeia Maria Pereira

Departamento de Recursos Humanos

Sonia Cavalcanti Oliveira

Departamento de Administração

Alessandra Borsato de Oliveira Paulo

Centro de Tecnologia da Informação e Comunicação- CTIC

Marcelo Gomes dos Santos

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO**Coordenação**

Débora Crivellaro

Agência de Comunicação

FSB Comunicação

ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS AMIGOS DA PRAÇA (ADAAP)**Conselho Administrativo**

Maria Bonomi (Presidente)

Wagner Brunini (Vice-Presidente)

Angela Coelho da Fonseca

Danilo dos Santos Miranda

Eduardo Saron

Hubert Alqueses

Joaquim Gama

Maria Adelaide Amaral

Vicente de Freitas

Conselho Fiscal

Leandro Knopfholz (Presidente)

Maurício Antonio Ribeiro Lopes

Rachel Rocha

Conselheiro Benemérito

Lauro César Muniz

Direção Executiva

Ivam Cabral

Núcleo Fundador

Alberto Guzik (in memoriam)

Cléo De Paris

Guilherme Bonfanti

Hugo Possolo

Ivam Cabral

José Carlos Serroni

Marici Salomão

Raul Barretto

Raul Teixeira

Rodolfo García Vázquez

SELO LUCIAS**Coordenação Editorial**

Elen Londero

Ivam Cabral

Joaquim Gama

Marcio Aquiles

Jurados do Prêmio

Luh Mazza

Miguel Arcanjo Prado

Rosane Borges

Ueliton Alves

Marici Salomão

Autores

Camila de Oliveira Farias

Lucas Moura

Robinson Oliveira

Edição e revisão

Mateus Araújo

Projeto gráfico e diagramação

Tomaz Alencar

Impressão

Stampato



Organização Social de Cultura

LUCIAS

Este livro foi elaborado a partir do concurso cultural “Prêmio Solano Trindade 2020” realizado pela Associação dos Artistas Amigos da Praça (Adaap), gestora do projeto cultural SP Escola de Teatro junto à Secretaria de Cultura e Economia Criativa de São Paulo. O prêmio foi instituído em atendimento ao Decreto nº 48.328/2003, com o objetivo de fomentar a produção de novas iniciativas de projetos de pesquisa com a temática ou produção de artistas afrodescendentes.

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Farias, Camila de Oliveira
Coletânea Solano Trindade : jovens dramaturgos negros 2020 / Camila de Oliveira Farias, Lucas Moura, Robinson Gonçalves Oliveira. -- 1. ed. -- São Paulo : Associação dos Artistas Amigos da Praça : Lucias, 2020. -- (Coletânea Solano Trindade ; 1)

ISBN 978-65-993326-2-3

1. Artes cênicas 2. Cultura negra 3. Dramaturgia
4. Teatro Brasileiro I. Moura, Lucas. II. Oliveira, Robinson Gonçalves. III. Título IV. Série.

21-75826

CDD-792

Índices para catálogo sistemático:

1. Teatro 792

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Prêmio

**SOLANO
TRINDADEL**

**coletânea
jovens
dramaturgos
negros
2020**



prefácio

7. Lufada de oxigênio em tempos de asfixia de corpos negros

ROSANE BORGES

11. Sobre histórias, dramaturgias e acessibilidade

IVAM CABRAL

jovens dramaturgos

15. Guerras Urbanas

CAMILA DE OLIVEIRA FARIAS

39. Como Criar para si um Corpo Negro sem Órgãos?

LUCAS MOURA

109. Medeia Homens

ROBINSON GONÇALVES OLIVEIRA

pós-fácio

127. Os outros lados das histórias

MIGUEL ARCANJO PRADO



Lufada de oxigênio em tempos de asfixia de corpos negros

Solano Trindade foi um desbravador, um homem de fundamentos, pluriversal, um agente de cultura, um ser humano tallado para transformar e emancipar. Uma bela figura humana cuja trajetória (re)inaugura frentes, estabelece novos parâmetros, constrói pontes...

Os seus feitos nas cenas cultural e política brasileira alçaram as artes a um patamar mais elevado, onde realocou, em justiça e dignidade, negros e negras aos lugares que lhes cabem, e, por extensão, todos os excluídos deste país. Poeta, folclorista, pintor, ator, teatrólogo, cineasta e militante do Movimento Negro e do Partido Comunista, Solano Trindade nasceu no Recife em 24 de julho de 1908, migrou com a família para o Rio de Janeiro, na década de 1940, e logo depois se fixou em São Paulo, na cidade de Embu das Artes.

Desde cedo mostrou-se engajado na luta contra o racismo:

idealizou e participou do primeiro e do segundo Congresso Afro-Brasileiro, respectivamente em 1934, em Pernambuco, e em 1936, na Bahia, firmando-se como um farol do movimento negro brasileiro. Das primeiras décadas do século 20 até o ano de seu falecimento, em 1974, testemunha-se, em Solano, um compromisso inarredável em produzir espetáculos vinculados à experiência pulsante da cultura popular. O grupo Teatro Popular Brasileiro disso dá testemunho de forma inequívoca. O Teatro Popular Solano Trindade, em Embu das Artes, é uma forma de manter vivíssima a memória desse monumento que tanto nos inspira.

Mostra-se, portanto, mais que acertada a escolha do nome de Solano para um prêmio voltado ao estímulo e reconhecimento do trabalho de jovens autores negros de todo o Brasil na área de Dramaturgia. Premiação que perfaz um duplo movimento: promove, de um lado, o reconhecimento do papel e importância de Solano Trindade para as artes e cultura brasileiras e, de outro, faz justa reparação a um grupo sociorracial que sofre sistematicamente com as desigualdades que afetam também o teatro brasileiro – setor ainda fortemente marcado pela presença majoritária de pessoas brancas pertencentes às áreas urbanas das regiões Sudeste e Sul do Brasil.

O Prêmio Solano Trindade é uma iniciativa da SP Escola de Teatro em parceria com a Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado e gerida pela Associação dos Artistas Amigos da Praça (Adaap). Foi lançado em 2019 com o objetivo de traçar um panorama da nova produção dramaturgica de jovens autores negros no Brasil. O concurso selecionou três textos de estudantes de escolas de teatro de todo o país, que agora são publicados neste livro.

Tal iniciativa perfila-se aos esforços, advindos de várias áreas, que visam o combate ao racismo e à desigualdade e a constru-

ção de ambientes plurais. Ao tomar o critério racial como fundamento, este concurso reafirma que o tempo da inocência já acabou e que é preciso compromisso coletivo para a transposição do racismo e outras formas de exclusão.

Desafortunadamente, num contexto adverso para a população negra, em que a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado pela polícia, em que a comunidade planetária testemunha a asfixia de George Floyd, este Prêmio Solano Trindade é uma lufada adicional de oxigênio que nos permite realizar, sonhar e imaginar que o nosso tempo pode ser algo melhor.

A SP Escola de Teatro está de parabéns pela iniciativa que incide sobre assimetrias que revelam o quanto precisamos caminhar para chegar num nível razoável do que se chama civilização e humanidade. Vida longa ao Prêmio!

Uma advertência: para o Prêmio continuar a existir é preciso que nos engajemos em prol da vida de milhares de jovens negros que poderão ter seus sonhos interrompidos em virtude do racismo. A resposta à convocação antirracista passa por ações dessa natureza que, mesmo singelas e em pequena escala, revelam a grandeza daqueles e daquelas que optaram pela emancipação humana, tal como fez Solano Trindade. Viva o teatro, viva o teatro negro!

Rosane Borges

Jornalista, pós-doutorada em ciências da comunicação, professora colaboradora do grupo de pesquisa Estética e Vanguarda (ECA-USP), integrante do grupo de pesquisa Teorias e práticas feministas (Unicamp/Usp), conselheira de honra do grupo Reinventando a educação. Autora de diversos livros, entre eles: Espelho infiel: o negro no jornalismo brasileiro (2004), Mídia e racismo (2012) e Esboços de um tempo presente (2016).

Sobre histórias, dramaturgias e acessibilidade

Antes das teorias pós-colonialistas – ou decoloniais – e da tendência de desconstrução da onipresença eurocêntrica nos referenciais literários e teatrais brasileiros, Solano Trindade (1908-1974) já proclamava em seus versos:

*“Eu canto aos palmares
sem inveja de Virgílio de Homero
e de Camões
porque meu canto
é grito de uma raça
em plena luta pela libertação”*

Poeta, ator, pintor, cineasta, homem de muitas artes e militâncias, foi figura central na consolidação dos movimentos negros do país. Em seu tempo, Solano estava lá para poetizar narrativas emudecidas pela história oficial – hoje a micro-história e a melhor compreensão de fenômenos culturais derivados do colonialismo nos permitem entender melhor as dinâmicas socioeconômicas, mas não era assim naquela época.

Com muita satisfação, nós da Associação dos Artistas Amigos da Praça (Adaap) promovemos a publicação desse emblemático livro, que esperamos servir tanto como referência artística e acadêmica de uma dramaturgia nacional de primeira linha quanto como fonte documental forte o suficiente para potencializar engajamentos políticos legítimos relativos à igualdade racial.

Solano Trindade deve ser nosso guia e mestre nesses tempos em que a irracionalidade e o preconceito generalizado tentam se instaurar de modo ainda mais pernicioso na sociedade civil. São tantos povos estigmatizados, pessoas discriminadas e classes marginalizadas que, se juntarmos todo mundo, encontraremos basicamente a maior parte da população nacional (e mundial). Haveria lógica nessa exclusão que marginaliza quase o planeta inteiro? Na teoria não, porém quando percebemos que certas elites econômicas, políticas e religiosas se beneficiam desse aniquilamento, as respostas para o porquê de uma necropolítica constituída ficam mais aparentes. Como combater isso? Com engajamento e arte!

Produtor cultural e agitador incansável, Solano Trindade instaurou ou se associou a projetos de impacto, como a Frente Negra Pernambucana, o Teatro Experimental do Negro e o Teatro Popular Brasileiro. Lutou como pôde contra a opressão racial e a barbárie ainda instalada no Brasil e no mundo – como infelizmente as estatísticas sobre desigualdades sociais, índices de homicídios cometidos contra negros e movimentos internacionais como o Black Lives Matter não cansam de nos lembrar. Nessa batalha que parece nunca chegar a um fim, usou sua voz (de artista e militante) para combater o racismo. Não é à toa que, em seu amplo repertório criativo, os temas mais recorrentes são as tradições afro-brasileiras, o apelo para a conscientização do povo, a resistência cultural e o retrato do cotidiano.

Em seus versos, notamos facilmente a eloquência da língua sendo vertida para aliterações que simulam os toques dos tambores.

*“Meus avós foram queimados
pelo sol da África
minh'alma recebeu o batismo dos tambores
atabaques, gonguês e agogôs.”*

Haja história, pensamento e poesia. Essa eloquência do povo preto, em novas abordagens, o leitor poderá notar nas três peças que compõem esse livro.

Um conceito que sempre defendi, em minha trajetória como artista e, principalmente, como pedagogo, é a acessibilidade. Essa filosofia de emancipação individual em substituição à inclusão passiva é trabalhada continuamente pela Associação dos Artistas Amigos da Praça (Adaap) e pela SP Escola de Teatro em vários níveis. Seja na autonomia para os processos artísticos e pedagógicos, no oferecimento de bolsa-oportunidade ou nas ações de intercâmbio que já permitiram enviar nossos estudantes para Bolívia, Cabo Verde, Chipre, Colômbia, Inglaterra, Portugal, Suécia e Suíça, entre outros países.

Quando pesquisamos os parâmetros que irão nortear os estudos de cada módulo/semestre, por exemplo, buscamos ao máximo referenciais que escapem do já desgastado cânone eurocêntrico. Soma-se a isso um trabalho incrível realizado na biblioteca da Escola, de investigação para novas bibliografias e fontes documentais para além do referencial branco, masculino, cisgênero... Há um processo contínuo de pesquisa para compor um acervo que contemple vozes historicamente silenciadas: autoras e autores africanos e afrodescendentes, indígenas, transexuais e quaisquer outras tipologias transformadas em corpos periféricos pelo establishment dominante. Este livro, inclusive, será mais uma valorosa aquisição para o

setor de dramaturgia contemporânea da biblioteca.

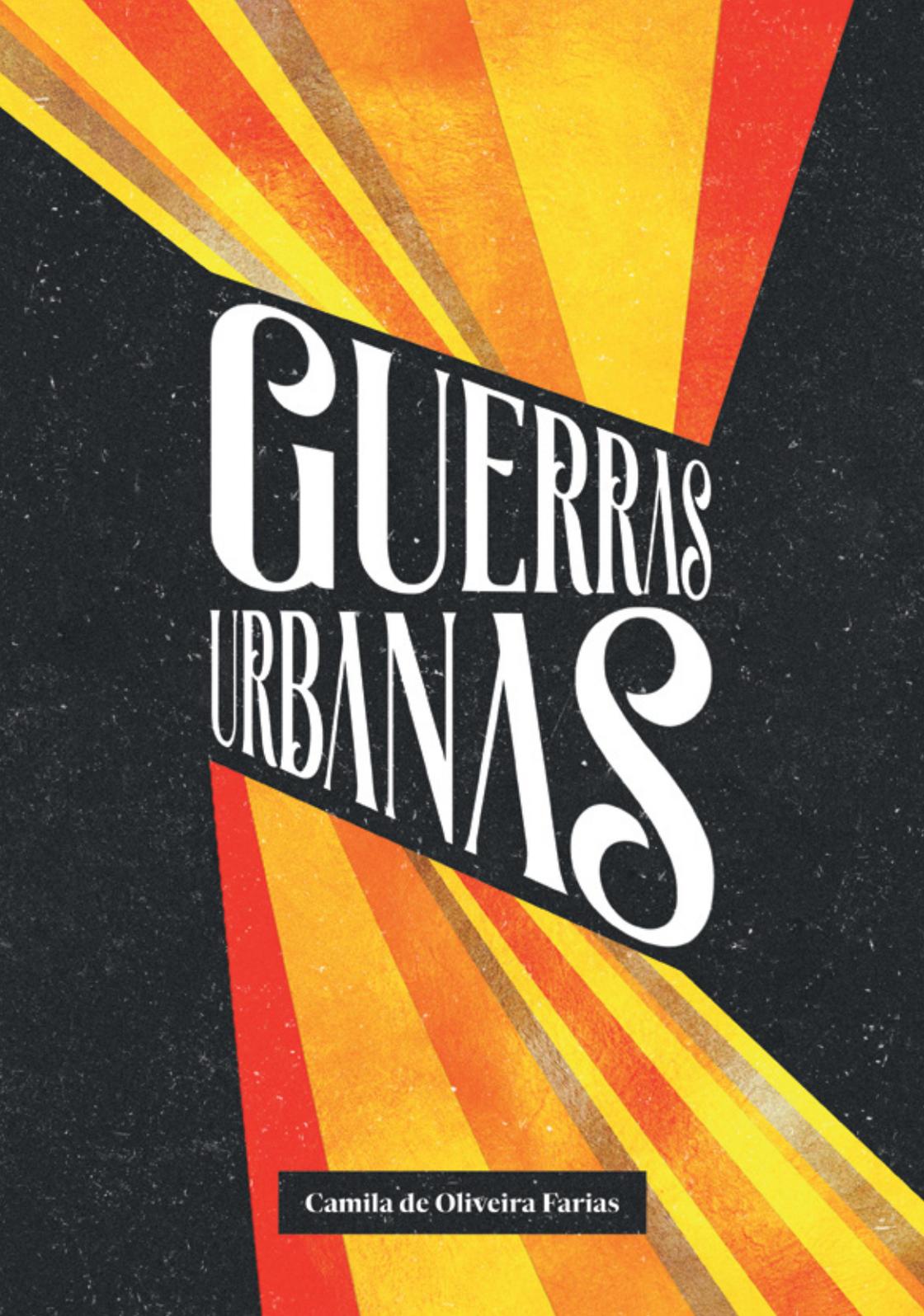
Por fim, em nossas salas de aula, novos referenciais são diariamente criados por nossos estudantes e colaboradores, conteúdo esse que posteriormente será compartilhado (em processos artísticos, seminários, intercâmbios, artigos) com nossos inúmeros parceiros internacionais, que se utilizam de nosso sistema pedagógico como modelo de referência para a construção de uma nova forma de ensino. Desconstruímos aos poucos, portanto, processos centenários de colonização cultural, e isso não é pouco!

O Prêmio Solano Trindade para Jovens Criativos das Escolas de Artes Cênicas, projeto da Adaaap junto à Secretaria de Cultura e Economia Criativa de São Paulo, que promove essa edição, não faz favor algum a esses jovens contemplados. Ele apenas surge como possibilidade de acesso aos jovens autores com potencial e gana para trilhar sua história no teatro brasileiro. Ninguém precisou incluí-los em nada. Cada candidato interessado constituiu seu próprio percurso, se inscrevendo para a premiação e colocando toda sua criatividade e pensamento crítico a serviço da Dramaturgia. A esses jovens que aqui despontam para uma carreira promissora, deixamos nossos aplausos e incentivos para voos ainda mais altos.



Ivam Cabral

É ator, diretor, dramaturgo e diretor-executivo da SP Escola de Teatro. Doutor em Pedagogia do Teatro e mestre em Artes Cênicas pela ECA/USP, é cofundador da Cia. de Teatro Os Satyros. Como ator e dramaturgo, recebeu inúmeros prêmios e escreveu dezenas de textos, tendo sido traduzido para o espanhol e o alemão. Lançou, em 2006, o livro “O Teatro de Ivam Cabral – Quatro Textos para um Teatro Veloz”, pela Coleção Aplauso, da Imprensa Oficial de São Paulo; e, em 2010, foi indicado ao Prêmio Jabuti. Também escreve para cinema e TV.



GUERRAS URBANAS

Camila de Oliveira Farias



sobre a autora

Graduada e mestre em Serviço Social (UFRJ) e formada em Licenciatura em Teatro (Unesa). Possui formação em Roteiro, pela Academia Internacional de Cinema e Roteiraria Escola. Trabalha como assistente social, professora de teatro e roteirista, no Rio de Janeiro, tendo atuado em instituições prisionais, socioeducativas e de segurança pública, com oficinas, cursos e atividades nas áreas de arte, educação e direitos sociais. É autora do livro "Jovens Policiais no Rio de Janeiro", da Coleção Conflitos, Direitos e Sociedade (INCT/InEAC - UFF).

personagens

Menina

Jovem, ampara dona Joana quando ela recebe a notícia da morte de seus filhos; e representa sua própria juventude.

Joana

Mãe de dois meninos vítimas de violência, 40 anos, calma, medidora, tem uma identificação com Jairo por causa de seus filhos.

Jairo

Soldado, 22 anos, angustiado e ansioso por se defender e justificar sua ação como policial.

Gerson

Sargento, 35-40 anos, após vivenciar situações limite, tenta burlar o sistema para não voltar a trabalhar.

Milena

Jovem entre 25-30 anos, abatida, triste, sarcástica, sente revolta. Faz um contraponto com a compreensão de dona Joana.

Vendedor

Homem entre 30-40 anos, apresenta um discurso que mescla a postura de um vendedor com a de um sistema que usa a dor como mercadoria.

Daniel

Amigo de Jairo antes da entrada na Polícia; e representa o ex-marido de dona Joana.

CENA 1

Rua

[Entra Daniel, um jovem, com a carteira de trabalho na mão.]

DANIEL

Boa noite, gente, tudo bem com vocês? Tive que vir aqui dividir com vocês uma notícia muito legal. *[pausa]* Consegui meu primeiro emprego com carteira assinada. Tá aqui ó *[mostra a carteira]*. Minha mãe vai ficar muito feliz, cara, cês não fazem ideia. Às vezes, falta as coisas lá em casa, e eu, pô, nem sempre conseguia chegar junto. E também você passa a ser visto de outra forma, né não? Vou usar blusa social, é num escritório, lá na cidade, prédio chique, espelhado, bagulho maneiro mesmo. Pegando o trem cheio e eu como... Minha coroa vai se amarrar. Não corro mais risco de ser preso por vadiagem...

[Sai.]

CENA 2

Casa de Dona Joana

[Som de tambor forte ao fundo. Entra uma moça amparando dona Joana atônita, ela está com a blusa suja de sangue. A menina a coloca sentada no sofá.]

MENINA

Vou pegar um copo d'água com açúcar para a senhora.

[A menina volta com o copo. Joana bebe com o olhar perdido, deita no sofá e a luz apaga junto com o som ao fundo. O cenário clareia, dona Joana acorda e se olha.]

JOANA

Meu Deus, como estou suja.

[Pega uma bacia com água, coloca no chão no meio do palco, começa a usar uma esponja para tirar o sangue dos braços.]

JOANA

Vida de mulher preta é limpar sujeira, é dúvida, é angústia, é abraçar todas as dores do mundo e embalar como filho. Vida de mulher preta é parir filho do desamor e amá-lo mesmo assim, uma, duas, quantas vezes forem necessárias. E é muito amor mesmo, não tem explicação. Desde que eles saem da barriga, “é menino”, caramba, será que vai sobreviver? Arrumar emprego digno? Ser gentil com a mulher? Ou vai repetir tudo de novo? Meus meninos, desde que saíram daqui, ó, eu sofro com medo deles não voltarem. Filho preto sem pai é tragédia anunciada... é sim. Meu Deus, isso é sangue! O que aconteceu? MAICONNN

[Sai de cena, cai a luz.]

CENA 3

**Centro de Apoio às
Vítimas de Violência Urbana**

[Na recepção do Centro de Apoio, um homem conversa com outra pessoa, que apenas ele vê.]

GERSON

Pô, agora complicou muito com esse Centro aqui... Antigamente, você levava o laudo do psiquiatra particular lá na polícia, e eles já davam 120 dias de licença... Não tinha que contar historinha sabe? Eu não volto mais pra rua de jeito nenhum...

O segredo é... Você tem que dizer que vai quebrar tudo. Tá com vontade de quebrar tudo. Ai eles vão te dar 15 dias. Depois quando for pra Junta Médica, diga que não pode retornar ao trabalho, que não será responsável pelos seus atos. Eu tô nessa há um ano, e vou levando assim até a aposentadoria...

[Entra Milena, uma moça nervosa com as mãos trêmulas, ela cruza o cenário e pega um copo d`água e sai de cena. Na sequência, entra dona Joana, retira a senha e senta. Logo em seguida, entra Jairo. Gerson sai.]

JAIRO

Não acredito nisso... Só pode ser sacanagem.... Senhora, boa tarde. Esse número de senha quer dizer que tem isso tudo de gente na minha frente?

JOANA

Boa tarde, querido. Acabaram de chamar o 73, qual é o seu número?

JAIRO

108.

JOANA

Espero que não esteja com pressa... Mas a psicóloga não fica 15 minutos com cada um. Fico pensando o que se resolve...

JAIRO

A ideia não é resolver, é só parecer. Pra sair uma notinha no Extra dizendo que o governador está fazendo algo pelas vítimas da violência urbana. Fica bem na foto, reelege.

JOANA

Mas eu bem que gostei desse Centro. Quando perdi meu primeiro filho, não teve ninguém pra me dar nem um tapa nas costas.

JAIRO

Meus sentimentos pela sua perda.

JOANA

Obrigada, filho. Mas você... já por aqui...

JAIRO

... É, não perdi ninguém, não. Quer dizer, talvez tenha perdido coisas, não sei. To aqui pela burocracia. Meu chefe só vai me deixar voltar depois dessa avaliação, é uma regra da Cor... da empresa que eu trabalho.

JOANA

Hum... Entendi. É por uma boa razão, então. Tão menino você... Quantos anos?

JAIRO

22.

JOANA

Era pro Maicon tá com essa idade. Deus te abençoe, meu filho.

[A televisão exibe que um “criminoso” de 17 anos foi baleado pela polícia, em uma determinada comunidade.]

JOANA

Pra eles, todo mundo que mora no morro é criminoso...

JAIRO

Com todo respeito, senhora, mas o rapaz estava armado e com drogas.

JOANA

Isso é o que eles dizem! A polícia planta, sabia? Derruba no chão, e joga uma arma em cima.

JAIRO

Às vezes, o policial atinge alguém que estava atirando nele, vem alguém e tira a arma da mão do morto, e ainda joga uma carteira de trabalho em cima.

JOANA

Acontece, mas a verdade é que eles entram atirando para tudo o quanto é lado, acham que todo mundo ali é bandido. Maltratam muito a gente. Tem muita gente lá que não é conivente com o tráfico, nada disso. A gente não quer o mal deles, porque são meninos que vimos crescer, sabe? E não é a maioria que tá na vida errada. Deveria ser até mais pela condição de vida que a gente tem...

JAIRO

Se o garoto escolhe essa vida, é porque quer. Tem muita gente que passa necessidade, e não vira bandido. Eu mesmo, cresci no Chapadão, estudei em colégio público e nunca pensei em ser bandido. Minha mãe trabalhava o dia todo, deixava comida suficiente pra almoço e janta só, às vezes até faltava. Pra comer um pão no lanche, fazia entrega com 10 anos.

JOANA

Mas não devia ser assim. O filho do rico vai ter a mesada todo mês. E pobre? E os valores estão invertidos, os meninos de agora tão crescendo aprendendo que dinheiro fácil é melhor. A televisão passa isso o tempo todo. Quando era nova, o barato era ir pro colégio. Lembro de quando eu descia o morro com meu uniforme pra Escola Normal, os vizinhos todos me cumprimentavam, era uma festa. Era uma novidade. Hoje em dia o próprio professor diz pro garoto que aquilo ali não vai levar ele a lugar nenhum. Ele não consegue mais acreditar no que ele faz. Acreditar que a escola pública do pé do morro vai te fazer crescer hoje em dia, é como acreditar em papai noel...

JAIRO

É, mas se a escola não te faz crescer, sair dela é pior ainda né?

Quer se dar bem na vida sem ler nem escrever? Complicado... Conheço um monte de gente que conseguiu melhorar um pouquinho por persistir no estudo. Quem escolheu outro caminho, ou tá morto, ou tá preso, ou tá foragido. Tenho muita dificuldade em entender esse tipo de escolha estúpida.

JOANA

[*Tom irônico*] E a escolha por ser policial, o que acha dela?

JAIRO

... Nem sei o que dizer...

JOANA

Hum...

JAIRO

Não quero parecer que estou justificando a morte de seu filho. A senhora não disse, mas imagino que tenha sido morto pela polícia.

JOANA

Existe esta suspeita, mas ainda não saiu o resultado da perícia. Estava ocorrendo um confronto na hora... eu não quero me precipitar, pois nunca gostei de falar de coisas que não tenho certeza. Teve uma instituição que entrou em contato comigo, disse que eu deveria dar uma entrevista culpando a polícia, pois assim haveria chance de indenização.

[*Silêncio.*]

JOANA

Não precisa ficar melindrado, por eu ter descoberto a sua profissão. Quais são as opções, não é mesmo?

[*Saem.*]

CENA 4

Comunidade

[Dois amigos soltam pipa em planos distintos. Ao fundo, uma projeção com várias pipas no céu.]

JAIRO

Tu viu que abriu prova pra Polícia?

DANIEL

[Risos] Tá maluco, pela nossa história, valia mais entrar pro movimento.

JAIRO

Né não cara, não vê o Márcio? Exploradão lá na venda do seu Matias, ganhando miséria, depois que passou, mudou lá pra baixo, fez até terraço, comprou moto. Isso aqui não é vida não.

DANIEL

[Divertido] E tu tem vocação pra capitão do mato, é?

JAIRO

Sei não, mas pra deixar de levar chibata todo dia a gente aprende.

DANIEL

Mas sendo preto e pobre dá pra fugir da chibata?

JAIRO

Capanga leva chibata, às vezes. Às vezes já é melhor que sempre, né não?

[Correm atrás da pipa, saindo da cena.]

CENA 5

Centro de Apoio às Vítimas de Violência Urbana

[Milena passa de novo pelo cenário, enche o copo d'água e se retira. Jairo e Joana retornam.]

JAIRO

O que houve com o primeiro filho?

JOANA

Maicon estava usando drogas, desde os 13 anos. Vivia na boca. Roubou as coisas dentro de casa para vender e tudo. Não tinha mais sossego. Ficou com dívidas, foi ameaçado várias vezes. Ai resolveu começar a trabalhar pra eles, pra pagar a dívida. Um dia a polícia chegou... Eu acho que ele não levava muito jeito para trabalhar com isso. Maicon nunca foi de briga, ele gostava de ficar na dele. Ele não era um mau garoto, sabe? Eu sei que você acha que se a pessoa se esforçar ela consegue, mas tem que ter uma motivação, eu acho. Eu nunca consegui dar essa motivação para os meus filhos... Eu tentei, mas não dei jeito. Maicon sempre me disse que me via me matando de trabalhar e o retorno era muito pouco. A casa tava caindo aos pedaços. Quando chovia era um Deus nos acuda. Ele nunca aceitou isso. Achava humilhante.

JAIRO

A senhora não terminou a Escola Normal?

JOANA

Não, parei no último ano. Minha mãe faleceu, só tinha ela, ai tive que cuidar dos meus irmãos mais novos. E tinha um rapaz que queria noivar comigo, eu fugia, mas ele tinha emprego fixo, sabe? Disse que ia me ajudar, ia cuidar das crianças comigo. Ca-

sei com ele. Pior coisa da minha vida. No primeiro mês de casamento, começou a me maltratar muito. E foi assim por anos, e o Maicon viu tudo, também se revoltou por isso. Acho que por isso que ele começou a ficar mais na rua, já não dormia em casa.... Eu me culpo muito por isso, todo dia eu penso no que eu poderia ter feito pra dar vida melhor pros meus meninos, mas na época não me vinha nada a cabeça.

JAIRO

Não parece ser culpa da senhora não... Cada um faz o que pode. E a senhora ainda está com seu marido?

JOANA

Graças a Deus não, acho que nem estaria mais viva. Um pouco depois da morte do menino, ele juntou as coisas e foi embora. Sabia que ele tinha outra família no Parque União, deve ter ido pra lá. Nunca mais voltou, pelo menos isso. Meu filho mais novo não entendia muito as coisas nessa época. Cleyton cresceu num ambiente pelo menos sem essa violência. Não usava drogas, não bebia, ia à igreja comigo. Só não quis estudar... Tava trabalhando numas obras no centro da cidade, carteira assinada direitinho. Ele foi atingido voltando do trabalho. Na televisão, apareceu como se ele fosse suspeito, entende? Por isso, me revolto com essas notícias... eles não sabem de nada, mas espalham a mentira. Pensam: "Se é preto, foi baleado no morro, deve ser bandido. A gente não tem direito ao espaço público. Não importa a hora do dia, vão perguntar: "O que ele tava fazendo ali naquele momento?" No meio do tiroteio. Ai você como mãe tem que engolir tudo isso, não é pouca dor não. Mas eu sou assim, não gosto de ficar me explicando pra ninguém. Não vou pra TV balançar a carteira de trabalho dele... E eu penso também, mesmo que fosse bandido, tinha que respeitar a pessoa que carregou nove meses na barriga.

[Jairo sai.]

CENA 6

Casa de Dona Joana

[Som de tambor forte ao fundo. Entra uma moça amparando dona Joana atônita, ela está com a blusa suja de sangue. A menina a coloca sentada no sofá.]

MENINA

Vou pegar um copo d'água com açúcar para a senhora.

[A menina volta com o copo. Joana bebe com o olhar perdido, deita no sofá e a luz apaga junto com o som ao fundo. O cenário clareia, dona Joana acorda e se olha.]

JOANA

Meu Deus, como estou suja.

[Pega uma bacia com água, coloca no chão no meio do palco, começa a usar uma esponja para tirar o sangue dos braços.]

JOANA

Vida de mulher preta é limpar sujeira, é dúvida, é angústia, é abraçar todas as dores do mundo e embalar como filho. Vida de mulher preta é parir filho do desamor e amá-lo mesmo assim, uma, duas, quantas vezes forem necessárias. E é muito amor mesmo, não tem explicação. Desde que eles saem da barriga, “é menino”, caramba, será que vai sobreviver? Arrumar emprego digno? Ser gentil com a mulher? Ou vai repetir tudo de novo? Meus meninos, desde que saíram daqui ó, eu sofro com medo deles não voltarem. Filho preto sem pai é tragédia anunciada... é sim. Meu Deus, isso é sangue! O que aconteceu? CLEYTONNN

[Sai de cena, cai a luz.]

CENA 7

Centro de Apoio às Vítimas de Violência Urbana

[Entre um rapaz de terno com itens para vender. Enquanto ele fala, entram Jairo, Joana, Milena e Gerson.]

VENDEDOR

Bom dia, pessoal. Peço desculpas por estar interrompendo o luto dos senhores. Venho aqui hoje trazer alguns produtos diferenciados para homenagear aquele familiar amado que partiu. O vendedor traz hoje a camisa com foto 20x30 com frase de superação, tamanhos P, M, G e GG, caneta personalizada com versículo bíblico, relógio com foto de fundo, santinhos de papel fotográfico. Encomendando hoje, entregamos em 24 horas no local que os senhores desejarem. Na encomenda de mais de uma peça, 20% de desconto. Para grupos acima de 20 pessoas também temos preços especiais. Só chamar que o vendedor vai até vocês. Opa, uma moça ali, outro ali. Tô chegando, freguês. Mais alguém senhores? Não perca essa oportunidade.

[Sai pela plateia.]

[Enquanto Jairo fala, vai colocando a farda. O comandante entra em cena e monta o cenário da próxima cena. Ao fundo, cenas silenciosas de treinamento são projetadas.]

JOANA

Mas e com você, meu filho, o que houve?

JAIRO

Há algum tempo, me pergunto todo dia que escolha foi essa que eu fiz... pra que eu pudesse ter alguma coisa na vida. Quan-

do tinha uns 15 anos, fui pra Campo Grande. Na minha rua, tinham muitos PMs. Entrar para PM já era o normal pra maioria dos caras. Era tipo assim, tentou um monte de coisa e nada deu certo? Entra pra PM. Meus amigos da infância, da adolescência, ou viraram bandidos, ou tão fazendo bico na oficina, no mercadinho. Aí, com 18 anos, fui servir ao Exército, me senti bem lá, vestia a farda, tinha contracheque, na hora eu pensei que era aquilo que eu queria mesmo. Antes de sair de lá, já tava inscrito na prova da PM. Não queria ficar andando por ai sem rumo, ralando pra caramba e não ganhando quase nada. Mas é aquilo né? Você ganha mais que a maioria, mas você trabalha muito, não tem final de semana, feriado, Natal. E o pior nem é isso, o pior é que seu psicológico fica destruído. Você fica paranoico, desconfiado de todo mundo... Não tem aqueles exercícios que marcam os soldados com ferro quente, que a gente vê nos filmes? A PM deixa uma marca em você também.

[Ao final, ele vai para o outro cenário. Os outros continuam na recepção e também assistem à próxima cena.]

CENA 8

Quartel

[Jairo entra em cena fardado, relaxado.]

COMANDANTE

Se enquadre, paisano.

[Jairo se assusta e assume uma postura militar, e ele dá os comandos militares em ritmo lento e depois acelerados.]

COMANDANTE

Um minuto para se posicionar! Um, dois.

VOZ DE FUNDO

Três, quatro!

COMANDANTE

Um, dois!

VOZ AO FUNDO

Três, quarto!

COMANDANTE

Hora do tiro! O alvo é cabeça e coração, cabeça e coração. Cabeça e coração, soldado.

[A voz vai falando de forma mais enérgica, enquanto Jairo tenta acertar o alvo.]

COMANDANTE

Muito bom, soldado! Está pronto para a guerra. Nasce mais um guerreiro.

[Jairo estufa o peito e sai andando, o cenário da comunidade é projetado ao fundo, ele cumprimenta as pessoas se sentindo importante. Passa por dona Joana, que “saiu” da recepção.]

JAIRO

Bom dia, senhora.

JOANA

Bom dia, menino Jairo. Que Deus te proteja.

[Jairo segue andando e entra Daniel, que demonstra nervosismo ao ser encarado por Jairo, retira a carteira de trabalho do bolso e eles se cruzam, desconfortáveis. Os dois saem por lados opostos.]

CENA 9

Centro de Apoio às Vítimas de Violência Urbana

[Joana volta à recepção. A projeção continua acontecendo até que entra uma jornalista e um cinegrafista.]

JORNALISTA

Estamos aqui, ao vivo, no novo e inovador programa do governo, o Centro de Apoio às Vítimas de Violência Urbana. Vamos tentar conseguir uma entrevista exclusiva. *[Caminha até Milena]* O que a senhora está achando desse programa tão humanizado baseado na experiência da Noruega?

MILENA

Na Noruega, atiram em crianças voltando da escola?

JORNALISTA

[Riso sem graça] E a senhora, guerreira, lutadora, como tá sendo esta experiência inovadora de atendimento?

[Joana se afasta e pega água. Jairo entra.]

JORNALISTA

Você não é o acusado do caso...? *[Coloca a mão no ponto]* Corta, Marcus. O chefe disse que tá tendo uma manifestação aqui na porta e mãe do menino do Alemão está disposta a falar.

[Sai pela plateia.]

JOANA

Não seria melhor sair e procurar outra coisa?

JAIRO

Tem uma brincadeira que o pessoal faz que se você não sai em até 6 anos, depois nunca mais sai. É mais ou menos por aí. Muita gente quer sair, mas no fim das contas, vai ficando. Tem um monte de cara que se aposenta e fica deprimido. Ele ralou a vida toda, e quando pode descansar, sente um vazio. Aí vai pro batalhão três vezes por semana almoçar e contar história do tempo dele... A polícia faz com que você viva só pra ela, quando acaba essa fase, você fica perdido. E, apesar de tudo, você sente um certo orgulho de passar por tudo o que passou, de ter sobrevivido, de ter salvado a vida de alguém, de ter matado vilões.

GERSON

As pessoas acham que a gente só mata pessoas, mas salvamos também. Já participei de resgate de refém, já impedi algumas mulheres de serem vítimas de estupro, até criança. Porque cheguei na hora certa num determinado lugar, ou porque recebi denuncia e fui conferir. É um lado invisível, vamos dizer assim. Tem muita gente fazendo coisas corretas, dentro da legalidade, todo dia, mas o que vai vender o jornal é o ilícito, é o que deu errado, é a safadeza, desculpa o termo. Mas hoje eu entendo que a mídia culpa a polícia de tudo para tirar o foco da raiz do problema. E os intelectuais da zona sul, da faculdade pública, fica fumando seu baseado comprado da mão de uma criança de 12 anos e falando que se a polícia acabar, acaba a violência.

JAIRO

Eles não sabem o que os traficantes fazem numa comunidade, eles não sabem que quando a namorada do dono da boca quer terminar com ele, ele estupra e mata ela. Não sabem que quem tá devendo é torturado. Não sabem que quando a gente entra no morro, eles usam moradores como escudo.

MILENA

[Batendo palmas com ironia] Ouvindo vocês falarem eu quase me convenci... Será que me chamaram aqui pra eu me tornar mais compreensiva com assassinos fardados? Só quem não vive no morro que compra esse discursinho, né? Vocês atiram em crianças no portão de casa, vocês entram no barraco e roubam carne, Playstation do menino, abre a geladeira dozotro pra beber água no gargalo... Na moral, nem sei quem ganha esse concurso aí de pior espécie. Ter crise de consciência aqui é tranquilão.

VOZ EM OFF

Pedimos por gentileza que mantenham a calma na recepção. Não serão toleradas atitudes agressivas entre os usuários do serviço.

[Luz apaga e saem de cena.]

CENA 10**Comunidade**

[Menina com uniforme da Escola Normal entra em cena, como se estivesse indo à escola, no meio do caminho ouve um choro de bebê, corre de volta, saindo do palco, retorna, ouve novo choro e retorna. Na terceira vez, Daniel a chama em um canto, cochincham e os dois fazem o caminho de volta juntos. Ouvem-se risos, primeiro; e depois, choro e grito. A jovem cruza o palco correndo com uma mancha de sangue na blusa, seu material escolar fica pelo caminho. Jairo, fardado, entra, estranha o ambiente, recolhe o material e sai.]

CENA 11

Centro de Apoio às Vítimas de Violência Urbana

[Joana, Milena e Gerson voltam para recepção. Entra Marina, com cartazes com frases de efeito. Jairo volta, posteriormente, com um copo d`água.]

MARINA

[Ofegante] Oi, dona Joana, tudo bem? A senhora não vai no ato, não? Tá bombando!

JOANA

Hoje não, minha filha. To cansada.

MARINA

Poxa, mas é tão importante a presença de vocês. As principais vítimas desse estado genocida!

JOANA

To precisando me cuidar, menina.

MARINA

Mas isso aqui é um aparelho do estado!

GERSON

[Com deboche] Não é todo mundo que tem grana pra plano de saúde, não, dona.

MARINA

Eu sei, eu sei. Mas vocês têm que se mobilizar, lutar contra isso, contra essa opressão. Isso não pode continuar. A polícia precisa acabar! Você não acha?

GERSON

Eu sou policial.

MARINA

Ué, isso aqui não é um Centro para vítimas da violência?

GERSON

Que coisa, né?

MARINA

A luta não vai avançar se vocês não lutarem com a gente. Não podemos resolver tudo sozinhos.

VOZ EM OFF

Pedimos por gentileza que manifestantes se retirem pacificamente da recepção. Não será tolerada qualquer manifestação no interior do Centro de Apoio.

GERSON

A revolução não será hoje, Che.

JOANA

Marina, é melhor você ir. Na semana que vem, vou à ONG para gente conversar, tudo bem? Vá, menina!

MILENA

Só falta surgir alguém dando uma injeção de calmante na gente.

GERSON

Não aguento esses revolucionários de condomínio...

JOANA

Eles nos apoiam o quanto podem. Você não acha criminoso o Estado permitir que se entre atirando numa comunidade? Ele

dá permissão para que vocês matem pobres à vontade. É disso que ela estava falando.

JAIRO

O policial chega lá, e vai fazer o quê? Tentar combater aquilo. Se ele for conivente e pedir arrego, é ruim, não é? Pois ele tem duas opções: lutar contra ou fazer vista grossa. Não digo que todos os que moram lá estão fazendo coisas ilícitas... Eu trabalhei numa UPP, que no morro tinha um esquema de exploração sexual infantil em um bar e todo mundo sabia. Demoramos meses para dismantelar o esquema. Ninguém ficou sabendo disso. Por outro lado, em uma outra comunidade, policiais fizeram vista grossa para um esquema parecido, alguns até frequentavam o bar como clientes, aí apareceu no Fantástico. Se você for só se pautar pelo o que aparece na TV, a polícia é um lixo mesmo.

MILENA

A polícia é um lixo mesmo! Botar perfume no lixo não deixa ele cheiroso.

GERSON

Nisso ela tá certa. Os jovens estão muito vidrados no combate. Deixa isso pra lá, garoto. Ninguém tá tentando mudar nada, é pra ser assim mesmo. Eu passei 20 anos sendo ponta 1, senhoras, é o que vai na frente, apontando o fuzil, qualquer coisa “suspeita”, quem tá na frente decide primeiro... O Estado me treinou pra dar tiro, me valorizou por eu ser bom nisso. E aí? Essa era minha função, ir na frente apontando... O chefe manda, o soldado obedece. Depois disso, você não tem muito o que dizer, sabe, você virou um atirador do estado.

JAIRO

Eu tô cansado de ser culpado por tudo... Posso estar puxando o gatilho, mas eu não tô nessa sozinho. Quando eu me deparo com um adolescente com um fuzil na mão apontando pra mim,

cara... Tanta coisa deu errado pra que a gente se encontrasse ali... É justo que eu carregue essa culpa sozinho? O inferno está reservado só pra mim?

MILENA

Toma um lenço pra você chorar pelos seus mortos... Ops... Pelos nossos.

JOANA

Talvez o inferno esteja reservado para todos nós. E a gente já esteja nele...

[A TV transmite mais uma notícia de conflito entre policiais e traficantes. A recepcionista chama o número 100.]

JOANA

Meus 15 minutos chegaram. Qual o seu nome, querido?

JAIRO

Jairo. Soldado Jairo.

JOANA

Que Deus te proteja, soldado Jairo. Que Deus proteja todos vocês.

ÚLTIMA CENA

Casa de Dona Joana

[Som de tambor forte ao fundo. Entra uma moça amparando dona Joana atônita, ela está com a blusa suja de sangue. A menina a coloca sentada no sofá.]

MENINA

Vou pegar um copo d'água com açúcar para a senhora.

[A menina volta com o copo. Joana bebe com o olhar perdido, deita no sofá e a luz apaga junto com o som ao fundo. O cenário clareia, dona Joana acorda e se olha.]

JOANA

Meu Deus, como estou suja.

[Pega uma bacia com água, coloca no chão no meio do palco, começa a usar uma esponja para tirar o sangue dos braços.]

JOANA

Vida de mulher preta é limpar sujeira, é dúvida, é angústia, é abraçar todas as dores do mundo e embalar como filho. Vida de mulher preta é parir filho do desamor e amá-lo mesmo assim, uma, duas, quantas vezes forem necessárias. E é muito amor mesmo, não tem explicação. Desde que eles saem da barriga, “é menino”, caramba, será que vai sobreviver? Arrumar emprego digno? Ser gentil com a mulher? Ou vai repetir tudo de novo? Meus meninos, desde que saíram daqui ó, eu sofro com medo deles não voltarem. Filho preto sem pai é tragédia anunciada... é sim. Meu Deus, isso é sangue! O que aconteceu? JAIROOOO

[Cai a luz.]

Fim



COMO CRIAR
PARA SI UM
CORPO NEGRO
SEM ORGÃOS?

Lucas Moura



sobre o autor

Dramaturgo formado pela SP Escola de Teatro (2015), Escola Livre de Teatro (2016) e Núcleo de Dramaturgia do Sesi (2019). Atua como orientador de dramaturgia na Fábrica de Cultura. Autor das peças “Canto para Descolonizar meu ranto” (prêmio Funarte RespirArte), “Como Criar para si um Corpo Negro sem Órgãos?” (prêmios Solano Trindade e Zé Renato) e “Quase Sempre um Sonho” (selecionada para a Mostra Dramaturgias da Pandemia).

*Na famosíssima cena de *Singing in the Rain*, em que o ator Gene Kelly dança a sua esfuziante paixão sob um toró implacável, encontramos uma demonstração de como a dança pode ser expressão da potência amorosa. Todos conhecem a cena em que Kelly dança na chuva, e na sua alegria, pula e volteia dentro e fora dos espaços dedicados à circulação pedonal: ele pisoteia em poças na calçada e salta para o meio do asfalto, rodopiando no espaço dedicado ao fluxo do automóvel. E talvez todos se lembrem de como a dança termina nessa clássica cena. A dança não tem um final. Ela é interrompida por um policial que não diz nada. Na verdade, ele interrompe a dança em seu mais pleno desbunde apenas aparecendo na cena, parando e cruzando os braços. Sua presença é assim o erigir provisório de um imóvel tangível que legisla sobre o movente fora da ordem de circulação.*

André Lepecki [Coreopolítica e Coreopolícia]

“Cada vez que o desejo é traído, amaldiçoado, arrancado de seu campo de imanência, é porque há um padre por ali. O padre lançou a tríplice maldição sobre o desejo: a da lei negativa, a da regra extrínseca, a do ideal transcendente. Virando-se para o norte, o padre diz: Desejo é falta (...). Depois, voltado para o sul, o padre relacionou o desejo ao prazer. (...) Depois, voltado para o leste, ele grita: O gozo é impossível. (...) O padre não se havia voltado para o oeste. No entanto era ali que o desejo estava escondido.”

Gilles Deleuze e Félix Guattari [Como criar um corpo sem órgãos]

“É uma sensação peculiar, essa de dupla consciência, esse sentido de sempre olhar a si próprio através dos olhos dos outros, de medir um sentimento através da métrica de um mundo que o contempla com o divertido desprezo e pena. É sentir sempre a duplicidade – ser americano, ser negro. Duas almas, dois embates irreconciliáveis, dois ideais conflitantes num corpo negro impedido apenas por um obstinado esforço de bipartir-se.”

W.E.B. Du Bois

- *Que olhos assustados são esses? O que você andou aprontando?*
- *Eu prendi um bicho ali, mãe. Na minha armadilha.*
- *E por quê você fez isso?*
- *Eu queria provar que sabia fazer uma boa armadilha.*
- *Provar pra você ou pro bicho?*
- *Pra ele! Pra mim... Sei lá.*
- *Tudo bem, você já provou e agora? Vai soltar ele?*
- *Não posso. Eu não vi que tipo de bicho entrou ali. E se for uma cobra? Eu tô com medo de abrir a armadilha e o bicho me atacar.*
- *Nesse momento o bicho também tem medo de você, e o lugar mais seguro do mundo pra ele, apesar de estar preso, é ali dentro, porque aqui fora existe você. E pra você aqui fora só é seguro enquanto ele estiver lá dentro. Sempre que a gente prende uma coisa, meu bem, essa coisa prende a gente também. Porque o medo é uma moeda com duas caras.*
- *E o que eu devo fazer?*
- *Você é quem sabe. Você pode deixar ele morrer lá dentro por causa do seu medo, ou você pode correr o risco...*
-

13: E na maré contrária dos olhos sedentos, rasgaremos a negridão da noite, flutuando em águas sangrentas e sem fim. Rasgaremos a negridão da noite, ainda que nos observem. Todos os olhos em mim. Todos os olhos em nós.

Primeira quebra lírica

23: Quantos nós somos? Quantos nós somos? Daqui até onde meu olho alcança, eu não consigo contar a vastidão de cabeças. Cabeças feito alvos, embora nem todos saibam, cabeças feito alvos... Não somos todos iguais, ainda que de vez em quando essa sensa-

ção nos preencha. Não somos todos iguais, e isso ficaria evidente, não fosse o infeliz destino que cai sobre todos aqui nesta Fazenda.

40: Quantos de vocês sabem como é que vieram parar nesse lugar? Estão aqui. Numa mão, a enxada, na outra, a garrucha, nos pés, uma imensidão de livros que contam histórias que não são nossas e, na boca do estômago, uma sensação de que “as coisas são assim porque tem que ser...

23: Não são.

40: ...E não há nada que se faça”.

23: A gente tem muito pra fazer. Meu “nome” é Vinte e Três.

40: O meu, Quarenta.

23: Já faz muito tempo que estamos aqui na Fazenda convivendo com muitos de vocês, mas vocês talvez não nos conheçam, a gente também não conhece vocês. É difícil pra gente se olhar. Nós também nunca conseguimos olhar nos olhos da maioria de vocês. Isto acaba agora. O novo tempo começa com este simples gesto: o olhar. Se olhem, por favor, eu peço... Se olhem. Seja lá o que for que te contam estes olhos, agora você já não é mais o mesmo. É cúmplice de toda uma nova vida, com suas dores e amores.

40: Sabemos que não podemos dar conta das histórias de todos vocês, são muitas. São centenas de anos de uma fazenda enorme. Mas contaremos a história do nosso gueto, porque é aqui onde o tempo se bifurca pra nós. Enterramos aqui embaixo deste chão a última semente preta sem nome.

23: Depois que terminarmos de contar o que aqui aconteceu, vocês têm duas opções: sair...

40: Ou ficar.

[*O sino da igreja soa.*]

CORO:

Assim como o corpo é uma unidade, embora tenha muitos membros,

e todos os membros, mesmo sendo muitos, formam um só corpo, assim é também com respeito a Cristo.

Pois em um só corpo todos nós fomos batizados em um único

Espírito:

quer escravos,

quer livres.

E a todos nós foi dado beber de um único Espírito.

O corpo não é composto de um só membro, mas de muitos.

Se o pé disser: “Porque não sou mão, não pertenço ao corpo”, nem por isso deixa de fazer parte do corpo.

E se o ouvido disser: “Porque não sou olho, não pertenço ao corpo”, nem por isso deixa de fazer parte do corpo.

Se todo o corpo fosse olho, onde estaria a audição?

Se todo o corpo fosse ouvido, onde estaria o olfato?

De fato, Deus dispôs cada um dos membros no corpo, segundo a sua vontade.

Se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo?

Assim, há muitos membros, mas um só corpo.

12: Treze, me passa a farinha.

13: Tá aqui.

23: Vamos rápido com essa massa, gente. Daqui a pouco, o Zero vem buscar os pães para o Padre, e a gente ainda não terminou nada.

40: Tão quase prontos.

- Vê? Lá no alto?
 - O que são, mãe?
 - São pássaros de ferro. Eles atravessam o céu procurando corpos onde pousar. E quando pousam, causam muita dor.
 - Eles não vão pousar na gente, né, mãe?
 - Em você não, porque não vou deixar. Mas muitos deles já acertaram nossos amigos e parentes, muitos homens e mulheres pretas.
 - Eles só atingem os pretos, mãe?
 - Não. Os mesmos pássaros que atingem os pretos, uma hora devem bater em revoada e voltar aos corpos de quem os enviou. É um caminho natural. Mas não é nisso que você deve pensar. Você deve pensar que um dia você vai crescer, e eu não vou estar aqui. Você precisa aprender a se proteger.
 - Como? O que eu faço?
 - Você precisa aprender um jeito de desviar.
 - Como assim?
 - Eu danço. A minha dança confunde os pássaros. É assim que eu me protejo, me mantendo em movimento.
 - Mas eu não sei dançar.
 - O que você gosta de fazer?
 - Eu gosto de escrever.
 - Então é isso. É assim que você vai se proteger. Suas palavras vão afastar os pássaros. Promete pra mim que nunca vai parar de escrever?
 - Prometo.
 - Quanto mais de nós aprendem a se proteger, mais aqueles que soltam os pássaros sentem medo.
-

40: Consegue ver alguma coisa?

13: Nada... É inútil. A Fazenda fica bem longe de onde a guerra acontece.

40: Pra nossa sorte. Se não fosse o Padre...

13: É.

40: Como você acha que é a cara dele?

13: Ué, igual do busto.

40: Mas você não acha que deixaram ele mais bonito? Se fizessem um busto meu, eu não ia querer ficar assim, do jeito que eu sou.

13: Ah é? Ia ser como?

40: Ah, sei lá, mais elegante, mais assim... Com uns traços mais finos, delicados, sabe?

13: Ué, seus “traços” já são bonitos, Quarenta.

40: Você é gentil, mas eu, se pudesse, mudava algumas coisas em mim.

13: Tipo o quê?

40: Ah, o cabelo um pouco, a boca um tanto, o nariz então... Os braços, pernas e olhos, os pelos, os dedos e o vermelho do sangue, o pulso do coração com medo, o pulmão que traga desde cedo muita fumaça, mudaria de paixão, de dor, de amor, de raça, puxaria de dentro com o braço cada víscera, do vão dos pés ao largo das costas, deixaria exposta e, feito barro, remoldaria inteiro pra fazer outro tipo de sujeito, algum sujeito sem tipo...

13: Hein? Tipo o quê?

40: Ah, o cabelo um pouco, a boca um tanto, o nariz então...

13: Você sabe que são pessoas brancas naquelas fotos, né?

40: Que fotos?

13: As que você fica olhando toda noite antes de dormir.

40: Você devia parar de se meter na vida dos outros, isso sim.

13: Onde você achou aquelas fotos, hein?

40: Não interessa.

[...]

40: E, e daí que são pessoas brancas?

13: E daí que você não tem que ficar querendo ser o que não é.

40: Não sou só eu que quero. Todo mundo quer.

13: Todo mundo quem?

40: Ah, todo mundo.

13: Eu não.

40: Não... Duvido. Já imaginou? Uma beleza daquela? De modelo? Aí, sim, valeria a pena ter um busto meu pra todo mundo lembrar assim... Pra sempre.

13: Essa beleza já tá aí, Quarenta. Você que não vê. E, olha, tem outras formas pra todo mundo lembrar de você assim “pra sempre”, se é o que você quer.

40: Como, por exemplo?

13: Escrevendo um livro.

40: [*Rindo*] Ah, tá. Essa é boa.

13: Qual o problema?

40: Livro é coisa de branco, né, Treze?

13: Que? Que besteira é essa que você tá falando?

40: Besteira nenhuma. Os livros que o Padre dá pra gente são o quê? São todos de homens brancos. Nem de mulher não tem.

13: Tem sim.

40: Um ou outro, e é difícil.

13: Isso não quer dizer que não tenham pessoas pretas que escrevam, que não tenham mulheres. Nunca mais você repete uma besteira dessa.

40: Se tivesse, a gente já teria recebido algum, você não acha?

13: Não, não acho.

40: Não acha por quê? Você acha que o Padre tá escondendo isso da gente? [...] Hein? Você acha que ele esconde? Treze? Eu fiz uma pergunta... Treze!

13: Oi! É... Não! Não acho. Acho que não. Eu nunca disse isso, viu? Que o Padre tá escondendo qualquer coisa, quem tá falando isso é você, tá bom?

40: Tá... bom... [...] Tá tudo bem? Você ficou com uma cara esquisita.

13: Tá... Tá sim. E, olha, mesmo que não tivesse... Se não tiver pretos que escrevem livros. Eu posso escrever o primeiro.

40: Ah, é? Pra contar que história? A história de pretos que passam a vida inteira numa fazenda, salvos da guerra por um Padre?

13: E não é uma história interessante?

40: Interessante pra quem? Não acontece nada. Assim... O Padre é um grande homem, a vida dele daria uma boa história, mas quem ia ler? Desse povo ninguém se interessa pelos livros, tirando você. Leem por obrigação.

13: Eles não leem as histórias certas, e eu também poderia dar um jeito de enviar pra fora daqui, pra guerra, pra que outros pretos, outras pessoas lessem.

40: Eu gosto do jeito como você sonha, sabia? Como se tivesse os pés na terra dura da certeza, mas a cabeça na lua. Eu queria ser assim, ficar sonhando o impossível achando que é possível.

13: É que você confunde sonhar o impossível com sonhar o improvável... [...] Olha em volta, olha junto comigo... Quando você olha pro horizonte da fazenda o que você vê?

40: Água.

13: Olha melhor, olha fundo. Eu vejo um monte de histórias.

40: Nossa... Pensando bem, olhando mais fundo. Eu vejo um monte de... Água.

13: Ah, chega, desisto. Vamos descer, já tá quase amanhecendo.

40: E lá no fundo, se eu olho com mais atenção: “sangue!”, sangue de gente igual a gente.

13: Vamos. Logo soa o sino e a gente precisa fazer os pães.

[...]

40: Treze...

13: Oi?

40: Não conta pra ninguém das fotos, tá?

13: Ué, pra quem eu iria contar?

40: Ah, sei lá. Doze, Vinte Três... Pro Zero... Promete que nunca vai contar pro Zero?

13: Prometo...

40: Tá! Nosso segredo!

13: Onde você achou essas fotos, hein?

40: Sei lá, não lembro.

[...]

13: Quarenta...

40: Oi?

13: Eu também tenho um segre...

12: Você não pode aceitar que existe um “E se”?

23: Mas não faz sentido, Doze. Isso que você tá falando aí não tem pé nem cabeça.

12: Mas você não pode aceitar que existe um “E se”? “E se”? “E se”? É simples, não quer dizer que seja verdade, mas vaaai que. Entendeu?

23: Daria pra aceitar se fizesse o mínimo de sentido.

40: Do que vocês tão falando?

23: Doze que anda com a cabeça meia amaluqueada das ideias.

12: Às vezes é difícil conversar com você, sabia!?

23: Conta aí. Conta aí, quero ver. Quero ver se é só eu que acho que isso não faz sentido!

40: Conta! Conta que eu quero saber. Não, pera... Treze, você ia falar alguma coisa, não ia?

13: Eu? Não, eu não... Nada.

40: Tá. Então conta!

12: Prometem que vão pelo menos ouvir? Não vão cortar a imaginação no talo igual Vinte e Três fez?

13/40: *[Ao mesmo tempo]* Sim./Eu não.

12: Pois tá. Vocês já ouviram o barulho de um tiro sequer, aqui por perto?

13: Não.

12: Algum corpo boiando nas margens da fazenda?

40: Não.

12: Nem aviões de guerra, certo?

23: Já falaram que não viram nada. Desembucha.

12: O que vocês veem quando olham o horizonte em volta da fazenda?

40: Um monte de histórias. [Ri.]

13: Não tem graça.

12: Quê?

13: Água, Doze. Vemos água.

12: E se...? E se...? Tão me ouvindo bem? E se a guerra tiver acabado?

[...]

13: Ah, para... Vamos voltar, temos que fazer os pães e...

40: Realmente não faz sentido nenhum.

13: Tá variando ô, Doze!

23: Eu disse! Eu disse!

12: “E se”! Eu tô falando “e se”! Será que vocês não podem...

Será que não dá pra... Será que não rola nem fazer um esforço?

40: Não rola, Doze. Essa guerra tá acontecendo desde muito antes dos antepassados dos nossos antepassados.

23: Foi o que eu disse. Ninguém sabe nem mesmo quando essa guerra começou. “E se” por um acaso ela tivesse acabado agora de uma hora pra outra, a gente ia saber, com certeza. Mas eu tenho pra mim que ela vai acabar, ó, é nunca!

12: Se existe mesmo uma guerra acontecendo, a gente devia era estar lá, junto com os outros pretos, lutando com eles!

13: Morrendo...

12: Não aqui dentro dessa fazenda, vivendo nessa indiferença.

40: De uma hora pra outra, você perdeu o amor à própria vida, é?

13: Doze, acredita em mim. Tem uma guerra acontecendo. Você não faz idéia do que é o mundo lá fora.

12: E você faz?

[...]

23: Sair daqui é burrice. O que seria certo, pra mim, na verdade, é abrir as portas pra outros entrarem e pronto. Da última vez em que eu tava no meu turno, eu pensei em fazer isso. Em deixar as portas abertas assim, sem querer... O Zero não ia nem perceber.

40: Aposto que a guerra entraria junto.

12: Se você quer saber, não entraria nada, sabe por quê? Porque não tem guerra nenhuma.

40: Como é que não tem?

23: É sol demais, torrou os miolos deles.

12: Na verdade é sol de menos, precisaria de mais dois sóis, pelo menos, pra clarear a visão de vocês e vocês enxergarem a verdade. Porque vocês enxergam o “nada” e confiam nesse nada.

13: Doze. Você por um acaso já viu o Padre?

[...]

23: Boa!

[...]

13: Viu ou não viu? [...] Pois então, pronto.

40: Fim da história.

23: A gente não precisa ver uma coisa pra saber que ela existe, Doze.

[...]

12: Vocês tem razão.

23: Finalmente.

13: Bom então vamos porque os pães...

12: Por que é que só o Zero pode ver o Padre?

40: Ai pronto, você perdeu a memória?

23: Amaluqueceu! Amaluqueceu de vez!

40: Bateu a cabeça? Vem cá, deixa eu achar a ferida...

23: Quer um copo d'água?

40: Perdeu o juízo.

23: Esqueceu que o Padre tem aquela doença grave?

12: E se a gente abrisse a porta da capela?

13: Você não vai fazer isso

23: Ia contaminar você e todo mundo que vivesse com você.

12: A gente não sabe se isso é verdade,

13: A gente sabe, e é verdade.

12: A gente nunca viu. E o Zero não é contaminado. Tá na cara que isso é mentira, por que eu nunca pensei nisso?

13: Doze...

12: Treze, você tem alguma prova? Você já abriu a porta por um acaso?

13: Eu... Eu simplesmente sei.

[...]

12: Eu vou abrir essa porta agora!

[*O sino da igreja soa.*]

CORO:

*Assim como o corpo é uma unidade, embora tenha muitos membros,
e todos os membros, mesmo sendo muitos, formam um só corpo,
assim é também com respeito a Cristo.*

*Pois em um só corpo todos nós fomos batizados em um único
Espírito:*

quer escravos,

quer livres.

E a todos nós foi dado beber de um único Espírito.

O corpo não é composto de um só membro, mas de muitos.

*Se o pé disser: “Porque não sou mão, não pertença ao corpo”,
nem por isso deixa de fazer parte do corpo.*

*E se o ouvido disser: “Porque não sou olho, não pertença ao corpo”,
nem por isso deixa de fazer parte do corpo.*

Se todo o corpo fosse olho, onde estaria a audição?

Se todo o corpo fosse ouvido, onde estaria o olfato?

*De fato, Deus dispôs cada um dos membros no corpo,
segundo a sua vontade.*

Se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo?

Assim, há muitos membros, mas um só corpo.

12: Treze, me passa a farinha.

13: Tá aqui.

23: Vamos rápido com essa massa, gente. Daqui a pouco o Zero vem buscar os pães para o Padre, e a gente ainda não terminou nada.

40: Tão quase prontos.

13: Tô morrendo de cansaço.

40: Eu também.

13: Ainda bem que o turno de vigia essa noite é de vocês.

23: Também tô cansado.

12: Não dormiu direito?

23: Nem um pouco.

13: Por quê?

23: Na madrugada, eu sai da cama, queria tomar um ar, tava me sentindo esquisito... Parei no meio da fazenda, no ponto mais escuro, respirei fundo, e de repente eu percebi um sem-fim de olhos me observando, muitos, eu não saberia contar. Olhavam pra mim assustados porque no lugar da minha cabeça tinha um pedaço de concreto com o formato do busto do Padre. Eu não consegui tirar. Tentei, mas não consegui, e aos poucos... eu... fui... su... sufocando... ficando... sem... ar... Os tantos olhos me observaram mais atentos, mas nada fizeram... Pareciam gostar de assistir. Até que, enfim, eu caí, sufocado no chão, já sem reação. Os olhos se arregalaram o máximo que puderam, eu lembro, e então tudo ficou escuro. Eu morri ao som de aplausos...

40: Isso foi um pesadelo, né?

23: Acho que sim.

12: Como assim acha? Você tá aqui com a gente vivo não, tá?

23: Acho que sim.

– *A senhora promete que nunca vai morrer?*

– *Hum. Acho que eu não consigo te prometer isto.*

– Não! Você tem que prometer! Se não, eu nunca mais falo com você.

– Nunca mais?

– É! Você não vai mais ser minha mãe.

– Nunca mais. Vai ser como se eu tivesse morrido pra você?

– É...

– Então se eu não prometer que vou ficar viva pra sempre, você me mata.

– Eu não vou te matar. Você que vai se morrer.

– Ah, eu que vou me morrer, entendi. Eu sempre vou estar por perto de você, meu amor, sempre.

– Mãe.

– Oi?

– Eu vou fazer tudo que eu puder pra senhora não morrer, tá? Eu prometo.

– Tá bom. Eu também prometo o mesmo.

– Mas só que agora eu tô com muita fome.

Segunda quebra lírica

40: Durante a manhã, o trabalho.

23: Tocar o gado.

12: Cuidar do pasto.

13: Marcar a ferro o filhote novo.

40: Deixar que o gado fique um pouco solto.

23: Ficar atento à reprodução.

12: Tocar o gado de novo.

13: Ver muito bem se nenhum ficou solto.

40: E ajustar as cercas com muita atenção.

13: Durante a tarde, o estudo.

23: História.

40: Ascensão branca.

12: Depressão negra.

13: Geografia.

23: Dominação branca.

40: Exploração negra.

12: Ciência.

13: Branca.

23: Matemática.

40: Branca.

12: Língua.

13: Branca.

23: Escrita.

40: Branca.

12 e 13: Espelho.

23 e 40: Negro.

12 e 13: Ao soar o sino.

23 e 40: Preparar o pão.

23 e 40: Ao entardecer.

12 e 13: O sermão.

12, 13, 23, 40: Quando chega a noite, enfim, quando chega a noite: Imaginação.

[12 olha para a fora da fazenda como se visse algo, Vinte e Três o agarra pelo pescoço.]

12: Me solta, Vinte e Três! Des...gra... ça... d... Eu tô... fican... do sem...

[Doze quase desacorda. Vinte e Três solta.]

23: Desculpa, mas eu não posso deixar você fazer isso!

12: Isso o quê? Idiota!

[Se inicia uma luta.]

23: Desculpa, Doze. Eu...

12: Não vem com essa de desculpa agora!

13: *[Segurando Doze]* Doze! O que tá acontecendo aqui? Me ajuda, Quarenta.

40: [*Segurando Vinte e Três*] Por que essa briga? Perderam a cabeça?

12: Vinte e Três me atacou do nada. Quase me mata.

23: Você diz isso, mas não fala que tava pensando em fugir.

12: Eu não tava pensando em fugir.

23: Como não, Doze?! Você tava saindo!

12: Eu não tava saindo!

23: Eu vi! Não vem com essa. Eu vi!

12: Quer dizer que se eu resolvesse fugir daqui de verdade, você ia tentar me matar?

23: Não tentei te matar, eu tava TE protegendo de VO-CÊ! Além de quebrar as ordens do Padre, você ia colocar sua vida em risco!

12: Que se dane o Padre!

40: Quê?

12: Tô dizendo que não era nisso que eu tava pensando.

13: Você tava ou não tava tentando sair?

12: Não... Eu imaginei ter visto alguém perto da porta.

40: E tinha?

12: Eu não sei... Eu tomei uma chave de braço antes de conseguir ver.

13: Era uma mulher?

12: Eu sei lá!

40: Não seria bom ficarmos de vigia os quatro, hoje? E qualquer coisa, avisarmos o Zero?

13: Concordo. Tem certeza que não viu se era uma mulher?

40: Peguem as armas.

13: Não! Pra quê arma?

23: Se for a guerra chegando, não vão adiantar muito.

40: Eu não subo pra lá sem arma.

12: Não tem guerra.

13: Para com esse papo de que não tem guerra, por favor? É óbvio que tem guerra! Já cansou esse papo ridículo de que não tem.

[...]

23: Então a gente pega ou não pega as armas, Treze?

40: Já peguei.

[*Longa pausa. Observam.*]

12: Carcereiros de nós mesmos.

40: Falou alguma coisa, Doze?

12: Nada. Disse que agora que Vinte e Três três quase me mata

porque achou que eu tava saindo, penso que não seria tão absurdo se eu sáísse sem avisar. Tenho encontrado cada vez menos motivos pra ficar por aqui.

13: O fato de que tem uma guerra acontecendo lá fora não é suficiente pra você?

12: O que você sabe sobre guerra, Treze?

13: Mais do que você acha que sabe sobre paz!

12: Às vezes parece que você tá escondendo alguma coisa aí dentro.

23: Doze, aqui dentro nós temos a proteção do Padre e temos uns aos outros, lá fora você ia ter o que?

12: Disse aquele que quase me estrangulou.

23: Pro seu próprio bem.

12: “Te estrangulei pro seu próprio bem.” Que amor...

40: Ele já se desculpou.

12: Hein, Treze, me responde? Eu sei que você também sente que esse lugar nos aprisiona. Eu tenho meus motivos, mas e você? Quais os seus? Por que você não conta?

40: Não cai na dele, Treze. Cala a boca, Doze.

23: Nos aprisiona, Doze? O que é que te falta aqui que você tem que buscar lá fora?

12: O negócio é esse. Eu nem sei o que me falta. Mas esse lu-

gar tá começando a me sufocar como no seu pesadelo, Vinte e Três. Eu não agüento mais viver dentro dessa casca de noz me achando o rei do espaço infinito. O mundo é bem maior, você sabe disso, Treze, você lê os livros.

13: Não existe mais mundo.

23: Tem uma coisa que talvez traga um ânimo novo pra você.

12: O quê?

23: Uma coisa... [...] Uma coisa que eu não contei pra vocês...

13: O quê?

12: Que coisa?

23: Quando o Zero me contou, eu não sabia o que fazer com essa coisa, fiquei alguns dias pelejando pra esquecer, pensando que era besteira, mas não, a coisa ainda tá aqui enroscada na minha cabeça...

12: Que coisa?!

23: Meu olho encheu de lágrima e a garganta secou, quando ele me contou... Ainda agora quando eu penso, a garganta seca.

40: Para de ciscar e conta logo!

[...]

23: Zero disse que desde que o Padre chegou aqui, ele planta no chão pequenas sementes pretas... E dessas sementes pretas começou a surgir uma pequena árvore que foi tomando corpo, e que hoje é tão grande que suas raízes levantam os azu-

lejos do chão da capela. Que seu tronco é tão grosso que seria preciso várias pessoas para abraçá-lo por completo, que seus galhos caem do teto e que chegam praticamente se deitar no concreto. E desses galhos, de tempo em tempo, frutifica uma multidão de favas cheias de frutas pretas.

13: [*Falando para si.*] Favela...

40: Como assim?

12: Deve tomar a capela inteira!

23: Foi o que Zero disse: quando é tempo de colheita, todo chão da capela fica tomado dessas frutas pretas, e ele ainda falou “O Padre disse que quem sabe vocês possam experimentar um dia”.

[...]

12: Ele falou quando?

23: Disse só “um dia”...

40: Um dia...

23: Ele disse o nome da árvore, mas eu não consigo lembrar.

13: Favela.

[*Um barulho!*]

13: Que foi isso!?

12: Assumam posição, rápido!

[...]

23: Do outro lado!

[...]

40: Tão ouvindo ainda?

12: Parou.

23: Foi o vento?

[*Um barulho!*]

13: E agora?! O que foi isso?!

12: Pro outro lado!

40: Tá perto de você, Vinte e Três!

23: De mim?

13: Devagar, vira pra trás. A gente te dá cobertura.

[...]

23: Não tem nada aqui.

40: Mas tinha alguma coisa!

[*Um barulho, uma bola vermelha entra quicando pelo espaço.*]

12: Que merda é essa? Se afasta! Se afasta ou a gente atira em você!

23: Tá do seu lado, Treze!

12: Tá na minha mira!

40: Atira Doze!

12: Eu te tenho na mira, se der um passo, eu atiro!

13: Calma, Doze!

23: Atira, Doze!

12: Eu vou contar até três.

13: Calma!

12: 1!

40: Atira, Doze!

23: Atira de uma vez!

12: 2!

13: Por favor! Calma! Eu tô tentando enxergar..

40: Atira!

12: 3!

23 e 40: Agora!

13: Não!!!

[*Um tiro.*]

[...]

13: Não...

[*Todos descem.*]

13: Era uma criança...

23: Como assim, uma criança?

12: Para de brincadeira, Treze!

13: Era uma criança.

40: Você acertou, Doze?

23: Como uma criança viria parar aqui?

13: A gente acertou uma criança...

12: Não pode ser, Treze! Não fala besteira!

40: Você tem certeza, Treze?

13: A gente deu um tiro numa criança...

[*Pausa.*]

23: Esse é um sinal de que a guerra chegou.

40: Na verdade, esse é um sinal de que a guerra já tá fora de controle... Quando crianças são atingidas, é sinal de que a guerra saiu do controle.

23: Como essa criança atravessou tanta água sozinha?

13: O corpo ainda deve estar boiando lá na margem...

12: Que corpo? Que criança? Não tem isso. Não tem nada disso!

13: Eu vi, Doze! Eu vi! Não é você que fala que uma coisa precisa ser vista pra existir?! Eu vi! A guerra chegou! Nós atiramos em uma criança! A guerra chegou, e ela tá dentro de você!

40: Treze...

23: Treze, calma...

13: Era uma criança, gente!

23: Ele não sabia.

13: Mas atirou! Por quê? Eu falei pra esperar. Era uma criança...

– Mãe! Mãe! Mãe!

– Que foi?

– Tem uma criança no nosso quarto, mãe. Uma criança no nosso quarto.

– Você viu uma criança? (Sorri)

– Sim! Eu não conheço ela!

– Não se assusta, meu bem. Fique feliz. Você viu um erê.

– Um o quê?

– Um erê. São guias, são seres de luz que vem pra nos trazer renovação e esperança. Virão bons tempos. Os erês são bagunceiros. Não gostam de ser controlados, assim como as crianças. Assim como “você” que nunca arruma o quarto.

– Ele veio por que eu não arrumei o quarto?

– Não, mas se isso fizer você arrumar o quarto, pode acreditar que sim. (Ri) Os erês também nos lembram que às vezes precisamos ser assim mais crianças pra escapar de tanta gente tentando nos controlar. Vem, vamos separar uns docinhos pra presentear ele.

– *Meus doces?*

– *Pra quebrar o amargor da vida a gente tem que aprender a partilhar doçura. Bons tempos virão... Acredite.*

– *Mas os doces são pra vender...*

40: A gente precisa tirar o corpo de lá.

23: E avisar o Zero.

12: Eu não fiz isso.

23: Calma, Doze. Não foi sua culpa.

12: Não existe guerra. Não existe guerra...

23: Tá tudo bem.

13: Deixa que eu encontro o corpo.

40: Eu vou com você.

23: Não, Quarenta. Você não precisa passar por isso. Deixa que eu vou.

40: Tá bom. Vamos, Doze...

12: Não tem criança.

40: Eu vou buscar um copo com água pra você.

[...]

13: Olha de um lado, que eu olho de outro.

23: Tá... Tem certeza que você viu a criança, Treze?

13: Olha aqui.

23: Calma, só tô perguntando.

13: Olha pra mim. Eu pareço estar alucinando, por um acaso?
... Responde! Eu fiz uma pergunta!

23: No momento? Um pouco...

13: Eu sei o que eu vi, Vinte e Três.

23: Tá bom... Desculpa. Logo a gente vai encontrar... A gente não pode deixar o resto da fazenda ficar sabendo. Só contamos pro Zero porque nele a gente pode confiar, ele vai saber o que fazer. [...] Eu nunca vi um corpo, sabia? Assim, sem vida... Na verdade, nem sangue... E você, Treze? [...] Treze? [...] Treze, eu tô te fazendo uma pergunta. Você já viu sangue, assim... Muito? [...] Treze?

13: Já! Muito mais do que queria! Muito mais do que uma criança deveria ver, se você quer saber, Vinte e Três. Pronto? Respondi tua pergunta?

23: Sério? Me conta! [...] O que aconteceu? Foi algum animal que caiu numa arapuca? [...] Treze, me fala! [...] Foi sangue de gente? [...] De quem?

13: Do Zero.

40: Aqui tá sua água, Doze. Olha... Não foi sua culpa, viu? Nada disso. Não se preocupa. Sabe... Eu fico me perguntando: Por que é que temos armas? Nós não precisamos aqui. Pra que a gente precisaria de armas aqui? Pra atirmos uns nos outros? E outra... Quem é que trouxe essas armas pra cá? Você já viu

a quantidade de armas que tem aqui? Uma hora ia acontecer algo do tipo. Então descansa. Fica tranqüilo. Amanhã tudo se ajeita, tá bom? A gente conversa com o Zero e fica tudo bem.

[...]

12: Quarenta.

40: Oi. Eu.

12: Você acha que ele me perdoa?

40: Quem? O Zero?

12: O Padre.

40: Ah, claro.

12: Não. Se eu falasse com ele. Você acha que ele me perdoaria?

40: Você tá dizendo pessoalmente?

12: Sim.

40: Ah... Se a gente pudesse entrar na capela e você falasse com ele, com certeza. Mas você vai falar com o Zero, e ele vai entender. Tudo vai ficar bem. O Zero é um bom homem.

23: O que ele fez? O que aconteceu com ele, Treze?

13: Zero me trancou no quarto dele, me empurrou para um canto. Me mandou esticar as mãos, então ele pegou uma vara de marmelo, e me olhou com um misto de ira e terror nos olhos. Ele acertou minhas mãos com a vara, eu comecei a chorar muito e fechei os olhos... Quando abri, vi o Zero apenas

com a roupa de baixo, acertando as próprias costas com a vara. O sangue espirrava das costas em carne viva. As mãos dele estavam sujas de farinha e o vermelho do sangue pintava o branco da farinha. Tanto sangue... Tanto sangue...

23: Por quê ele fez isso?!

13: Eu não sei.

23: Tem que ter um motivo.

13: Mas eu não sei.

23: Mas tem que ter.

13: Eu não sei! Tá me ouvindo? Eu não sei! Eu não sei. Ele fez isso várias outras vezes...

23: Não faz sentido, Treze.

13: Desde então, eu convivo com esse pavor pela figura dele. Como se ele escondesse uma história por debaixo daqueles olhos fundos que a gente nem imagina.

23: Eu também penso isso de você. Eu não digo, mas percebo, tem algo aí bem na fundura dos seus olhos.

Terceira quebra lírica

40: Ah, vocês ainda tão aqui fora...

23: Oi... Quarenta... Não consegue dormir?

40: Depois que o Doze dormiu, eu cochilei. Tive um sonho

bonito com a árvore dentro da capela onde eu colhia dela deliciosas frutas pretinhas como a noite, mas o sonho saiu do trilho e se tornou pesadelo... Eu olhei pras raízes dela, e presa nelas estava o corpo da criança, também preta como a noite. Então acordei assustada. Vocês acharam o corpo?

23: Vasculhamos tudo. Não tem corpo nenhum. É estranho. A Treze jura que viu, mas simplesmente não tem. Ela tá lá ainda... Procurando como um cão de caça, mas não acredito que vá achar nada.

[...]

40: O Doze tem razão: esse lugar tá sufocando a gente.

[...]

40: Olhar pra essa escuridão toda dá a impressão de que a gente tá olhando pro nada, né? O mais completo nada que aos poucos vai te engolindo também. Chega uma hora que a gente acaba se sentindo um nada.

23: Mas você, com certeza, não é um nada... Pra mim você é tanta coisa. Tanta coisa, que tenho dificuldade de expressar... E, olha, depois de um tempo, o olho acostuma com a negridão da noite, e você percebe que por debaixo dela tá lá... Toda a fazenda. A negridão da noite esconde muita coisa.

40: É? É o que Treze vive dizendo, eu vejo nadinha.

23: Se concentra, ó. Na frente dos meus olhos já começam a surgir formas, desenhos, rostos, uma multidão de rostos de gente que nem sabe que a gente existe. Uma multidão de rostos que esconde uma multidão de dores das luzes desse mundo pálido feito a lua. A gente não tá sozinho, Quarenta. Se a

gente pudesse rasgar a pele preta da noite, ia encontrar muita gente igual, com certeza...

40: É... Mas por que eu ainda me sinto nessa solidão?

23: Tem sempre uma multidão de histórias debaixo dos nossos pés. A gente nunca tá só.

40: Não, você não entende. Eu continuo nessa solidão. Solidão em outro sentido. Eu nunca vou viver algo como as paixões que a gente vê nos livros.

23: Achei que só Treze é que fosse dos livros.

40: É... Eu leio uma vez ou outra. Digo que não só pra provocar, e porque na verdade os livros me deixam triste.

23: É, eu também leio, às vezes, mas por que você acha que não vai viver uma paixão?

40: Ah, não sei... Meu coração é meio descompassado. Ruim de valsa.

23: Mas você tem paixão por alguém?

40: Sempre tive.

23: E eu posso saber quem é?

40: Alguém que você conhece bem.

[...]

23: Que eu conheço?... Ah, é... Como não seria também, né? Só tem a gente aqui.

40: É.

23: E por que você não fala pra... Pra “pessoa”?

40: Acho que a “pessoa” não sente nenhuma atração por mim.

23: Você só vai saber se tentar...

[*Silêncio, se olham.*]

40: O que você acha dessas pessoas nessas fotos aqui.

23: Não consigo enxergar.

40: Como não?

13: Doze? Doze? É você?

12: Sou eu. Vocês encontraram?

13: Não. Nada. Eu já revirei tudo e... Eu já começo a duvidar dos meus próprios olhos. Desculpa pela forma que eu te tratei.

12: Não. Eu matei essa criança.

13: Não, Doze. Pode ser que eu tenha...

12: Você viu, Treze. Você viu, não viu?

13: Vi...

12: Então é isso. Eu vim aqui só te avisar. Eu vou até a capela, me confessar com o Padre.

13: Mas a gente não...

12: Depois de fazer isso eu não vou voltar mais aqui. Eu vou embora. Vou pra guerra.

13: Não, Doze...

12: Eu já tô marcado com uma morte, Treze. Isso nunca vai sair de mim. Eu vou estar onde eu sempre deveria ter estado. No frente, com os pretos.

40: Olha, consegue ver?

23: Não tem nada aqui, Quarenta. São fotos em branco.

40: Como em branco? Não tá em branco. São fotos de... Eu achei nas coisas do Zero.

23: E você roubou?

40: Eu fiquei hipnotizada... Um dia eu devolvo pra ele... Mas como você não consegue ver, isso é impossível. Você tá com algum problema nos olhos, você tá ficando cego?

23: Não. Cego não. Eu vejo você.

40: Mas...

23: Eu vejo você, e você brilha.

40: Tudo bem, não precisa mentir pra me agradar. Fala o que você vê nas fotos.

23: Eu acho que você devia esquecer essas fotos, e revelar sua paixão de uma vez. Você consegue iluminar e abrir uma fenda no véu da noite, até mesmo de uma noite dura como essas,

duvido que não consiga abrir um sorriso no rosto de quem você ama. Vai. Diz o que você sente.

[...]

40: Vou fazer isso.

23: Vai? Quando?

40: Agora... Vou olhar nos olhos da minha paixão e dizer.

[Os dois se olham fundo.]

13: Espera! Espera, Doze! Espera! Você não pode entrar lá!

12: Sai da minha frente, Treze. Eu preciso.

13: Você não sabe o que vai te acontecer se você abrir aquilo. O Zero não vai gostar e imagina o que ele pode fazer. Ele...

12: O Zero não machucaria uma mosca.

13: Não, me ouve!

23: Então fala...

[...]

23: Quarenta? Onde você vai?

40: Vou contar sobre o que sinto!

23: Mas...

40: Estou indo falar com o Zero. Dizer pra ele o que nunca

tive coragem de dizer.

23: Não, Quarenta! Espera! O Zero não é quem você pensa!

12: Solta meu braço, Treze!

13: Não!

12: Solta agora!

13: Ai!

12: Sinto muito, mas eu não consigo mais ficar aqui.

13: Não, Doze!

[O sino da igreja soa.]

CORO:

*Assim como o corpo é uma unidade, embora tenha muitos membros,
e todos os membros, mesmo sendo muitos, formam um só corpo,
assim é também com respeito a Cristo.*

Pois em um só corpo todos nós fomos batizados em um único Espírito:

*quer escravos,
quer livres.*

E a todos nós foi dado beber de um único Espírito.

O corpo não é composto de um só membro, mas de muitos.

*Se o pé disser: “Porque não sou mão, não pertenço ao corpo”,
nem por isso deixa de fazer parte do corpo.*

*E se o ouvido disser: “Porque não sou olho, não pertenço ao corpo”,
nem por isso deixa de fazer parte do corpo.*

Se todo o corpo fosse olho, onde estaria a audição?

Se todo o corpo fosse ouvido, onde estaria o olfato?

De fato, Deus dispôs cada um dos membros no corpo, segundo a sua vontade.

Se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo?

Assim, há muitos membros, mas um só corpo.

12: Treze, me passa a farinha.

13: Tá aqui.

23: Vamos rápido com essa massa, gente. Daqui a pouco o Zero vem buscar os pães pro Padre e a gente ainda não terminou nada.

40: Tão quase prontos... [...] Gente, vocês já quiseram ser assim... Outra pessoa?

[*Pausa.*]

12: Como assim?

40: Outra pessoa, outra pessoa. Com outro corpo, só que pensando que nem você mesmo.

23: Papo estranho.

13: Eu já pensei se eu fosse um bicho.

12: Qual bicho?

13: Uma vez eu vi uma lagartixa que mudava de cor quando eu chegava perto.

23: Elas mudam de cor por medo.

40: Não, bicho não. Bicho não conta. Tô falando de gente mesmo!

23: Eu nunca.

12: Eu sei lá.

40: Vamos fazer assim... Todo mundo fecha o olho e tenta imaginar como seria se fosse outra pessoa. Aí, um de cada vez se arruma usando as coisas que tem aqui, e todo mundo abre o olho pra ver como a gente seria se a gente não fosse a gente.

12: Quê? Por nada nesse mundo.

13: Quarenta, a gente tá bem cansado, viu?

23: Você não trabalhou hoje não? Eu achei que tinha te visto lá...

40: A gente tá sempre cansado. Eu não sei vocês, mas eu tô sempre. É o meu estado natural.

[...]

40: Gente, por favor? Vai ser divertido.

[...]

40: Ah, sério. Vocês são entediantes! Boa noite.

[...]

13: Quarenta... [...] Ei.

40: Que é?

13: Fala com a gente.

40: Vão lambar um sapo.

13: Ei, psiu...

40: Sai!

13: Credo... Vai gente, vamos lá. Ninguém vai morrer, dá pra ver o bico daqui.

40: Vamos! Vamos fazer assim então: vão vocês primeiro, aí depois vou eu.

12: Sério mesmo?

23: Vamos logo, deixa de ser ranzinza.

[...]

40: Tô esperando... [...] Vão demorar, é? [...] Desse jeito eu vou tirar um cochilo aqui... [...] O sol vai ficar pronto antes de vocês, certeza... [...] Ai, eu não agüento mais.

12, 13 e 23: Pronto!

40: Maravilha! Deixa eu ver você, Treze... Nossa! Você tá a cara do Zero, que engraçado, ficou ótimo... E você, Doze? Deixa eu ver, eita... Que louco! Você também tá a cara do Zero... E você, Vinte e Tr... Você também... Igualzinho.

[...]

40: Que chato. Vocês são muito sem criatividade, né? [...] Minha vez... Fechem os olhos.

[...] [...] [...]

40: Ei, eu ainda não terminei! Fechem os olhos

12, 13 e 23: Que isso?

40: Eu ainda não terminei.

12, 13 e 23: Por que você tá usando isso?

40: Isso o quê? Ainda sou eu!

12, 13 e 23: Que isso no seu cabelo? Que isso na sua boca?
Que isso na sua pele?

40: Vocês ficaram loucos? Eu não fiz nada ainda.

12, 13 e 23: Tira isso.

40: Tá, chega. Já entendi a brincadeira.

12, 13 e 23: Tira logo!

40: Para de gritar... Não tem graça, chega.

12, 13 e 23: Tira essa coisa da boca. Tira essa coisa da cara.
Tira isso do cabelo. Essa não é você.

40: Vocês tão me assustando!

12, 13 e 23: Ou você tira ou a gente tira!

40: Eu vou gritar! Eu tô falando sério!

12, 13 e 23: Você tá horrível.

40: Horrível tão vocês.

12, 13 e 23: Você é horrível.

40: Cala a boca!

12, 13 e 23: Vocês são horríveis.

40: Vocês quem? Do que vocês tão falando? Vinte e Três! Cadê as minhas fotos?! Você roubou elas? Pode me devolver agora.

12, 13 e 23: Vocês todos. Vocês com essa boca. Vocês com esse cabelo. Vocês com essa pele.

40: Cadê a minhas fotos, Vinte e Três?

12, 13 e 23: Vocês são violentos.

40: Chega! Chega, chega, chega... Vocês tão muito estranhos. Tá me dando até medo. Tira isso...

12, 13 e 23: Vocês só reclamando.

40: Ti-ra is-so!

12, 13 e 23: Vocês sempre parados.

40: TIRA ISSO AGORA!

12, 13 e 23: Às vezes eu tenho ódio de vocês, às vezes eu tenho medo de vocês, violentos, com essa pele, com esse cabelo, com essa boca.

40: TIRA ESSA PORCARIA. CHEGA... ACABOU A BRINCADEIRA!

12, 13 e 23: Vocês não fazem nada.

40: A-CA-BOU-A-BRINCADEIRA!

12, 13 e 23: Vocês não querem nada. No nada vocês vivem. Vão acabar virando nada.

40: VÃO À MERDA TODOS VOCÊS!

12, 13 e 23: Vocês querem tudo. Querem tudo à força.

40: ESTÃO PARECENDO UNS IMBECIS!

12, 13 e 23: Vocês são parasitas.

40: VÃO À MERDA! SAIAM DE PERTO DE MIM! [...] SAIAM DE PERTO DE MIM! SAIAM DE PERTO DE MIM!

23: Quarenta?

40: SAIAM DE PERTO DE MIM!

12: Quarenta, que aconteceu?

40: SAIAM DE PERTO DE MIM!

13: Quarenta? Tá tudo bem? Segura, Doze!

40: ME LARGA! ME LARGA!

23: QUARENTA, CALMA! SE-ACAL-MA!

[...]

40: Vocês... Tiraram?

23: Tiraram o quê?

12: Tá tudo bem?

13: Você perguntou pra gente uma coisa sobre se a gente queria ser outra pessoa, sei lá. Depois começou a gritar.

23: Quarenta, vem cá, por favor, conversa comigo. O que tá acontecendo?

[*Quarenta sai. Vinte e Três vai atrás.*]

13: Você entendeu alguma coisa?

12: Quarenta tá assim desde que falou com o Zero.

13: Falou o quê com ele?

12: Não sei, Vinte e Três que sabe. Parece que Quarenta tinha algo pra contar pro Zero, foi falar com ele e desde então tá assim.

[*Treze ameaça sair, Doze segura.*]

12: Onde você vai?

13: Falar com Quarenta.

12: Não, chega. Você tá escondendo alguma coisa e já faz muito tempo, eu sei. Você vai me contar agora!

13: Me solta!

12: Não solto! Ou você me conta ou não solto. [*Amarra Treze.*]

– Mãe...

– Oi, meu bem. Que bom que você tá aqui... Ouve essa poema.

– Não quero poema agora.

– Ouve, ouve. Você vai gostar.

*“Aqueles que não inventaram a pólvora nem a bússola;
Aqueles que nunca souberam domar o vapor nem a eletricidade.
Aqueles que não exploraram nem os mares nem o céu.
Porém aqueles sem os quais a terra não seria terra.
Minha negritude não é uma pedra, sua surdez se arremete como
o clamor do dia.
Minha negritude não é uma mancha d’água estancada sobre o
olho morto da terra.
Celeiro onde se conserva e amadurece o que a terra mais tem de
terra. Minha negritude não é nem uma torre nem uma catedral.
Ela se crava na carne rubra do solo.
Ela se crava na carne ardente do céu.
Ela perfura a prostração opaca de sua paciência tensa.
Posto que para encerrar-me nesta única raça,
sabes, contudo, meu amor tirânico,
sabes que não é por ódio às outras raças
que me faço lutador desta raça única,
pois o que quero é pela fome universal ,pela sede universal.
Obrigá-la, livre afinal,
a produzir do interior de sua intimidade a suculência dos frutos.”*

– Não é bonito? É de um homem chamado Aimé Césaire.

– Mãe eu não quero ouvir poemas, nem músicas, nem ver danças.
Eu tô com come.

– Você já comeu seu pão?

– Eu não aguento mais comer pão.

– Eu sei, meu bem. Eu sei. Hoje é só o que temos. As coisas vão
melho...

– Não vão. Não vão, mãe.

– Come o pão. Ele é um alimento pra alma. Conheci um Padre
na igreja e ele disse que o pão é o corpo de Cristo.

– Você nunca tinha pisado numa igreja. Agora você não sai dessa.

– Porque eu tô com medo. A gente... tá abandonado, minha

criança. E lá, eles dizem que as coisas vão melhorar... E que a gente vai ser recompensado. Que é só desejar com fé. Reza comigo. Olha, Coríntios, capítulo 12, versículo 12: Assim como o corpo é uma unidade, também...

– Eu não sei rezar. Eu não quero rezar. Minha barriga dói...

– Calma, vai passar.

– Não vai não... E eu preferia o poema do que a reza.

Quarta quebra lírica

23: Quarenta!

40: Agora não, Vinte e Três.

23: Agora sim, não tem outra hora.

40: Por favor, me deixa só.

23: Vou ter que te desobedecer. Eu vou subir até aí.

40: Não, Vinte e Três! Agora não.

23: Não tem outra hora. A gente precisa se olhar...

40: Não.

23: Sim. Olha pra mim.

40: Eu não vou olhar pra você.

23: Eu vou dizer mesmo assim... Porque é justamente isso que nos trouxe até aqui. A gente não se olha. Ou a gente se olha,

mas não se vê. Porque se a gente se visse, ia perceber uma beleza capaz de causar inveja nas estrelas. Eu não encontro nossas histórias nos livros, as histórias da nossa pele, mas quando eu olho pro seu sorriso, pros seus olhos, eu sinto que tem uma imensidão de histórias debaixo deles, eles me contam essas histórias. Se pudéssemos rasgar a pele negra da noite...

Essas histórias vivem em mim, em você. Eu olho pra você, e não sei o porquê, mas vejo um reinado inteiro. Eu fui criado no medo, ele me desenha, ele é minha sombra e de todos aqueles que eu conheço. Quando alguém me diz pra eu não ter medo, é como se dissesse pra eu existir diferente, mesmo eu só sabendo existir assim no medo, mas eu olho pra você e o medo passa. E essa era a gota de medo que faltava pra secar. Eu nunca tive coragem de te dizer isso, mas agora tenho. Eu sei o quanto você não confia no amor e acha que ele não é pra você, e eu não sei o que você falou com o Zero e também não me importo. Seu coração não é descompassado, ele só não encontrou o par certo ainda. E agora eu tô te propondo uma dança.

[...]

40: Por que você tá me falando isso agora?

23: Porque eu senti que tinha...

40: Por que você tá me falando isso “só” agora?

23: O que mudaria se eu falasse antes?

40: Tudo! Alguma coisa ia ecoar nesse vazio. Talvez os nossos medos se anulassem um no outro, e a gente criasse coragem junto. Mas agora não dá mais tempo...

23: Como assim não dá mais tempo?

40: O tempo é um Deus cruel. Nossa estrada se desencontrou.

23: Como assim? A gente constrói uma estrada nova. A gente reza pra outro Deus que não o tempo. [...] O que você acha? [...] Quarenta? [...] Você não consegue nem mesmo me olhar nos olhos!

40: Sai daqui, Vinte e Três.

23: Não.

40: Me deixa só!

23: Não! Não saio. Não saio sem você pelo menos me dizer isso olhando nos meus olhos! Me mata, mas me mata olhando pra mim. [...] Olha pra mim. [...] Olha pra mim.

[...]

23: Quarenta, olha pra mim!

[*Quarenta se vira bruscamente.*]

23: Quarenta? Quarenta o que aconteceu com seu rosto?

13 e 23: Gente! Gente, me ajuda aqui!

40 e 12: Shhh! Faz silêncio, por favor.

12: Vai acordar o Zero desse jeito.

13: A gente não devia tá aqui, Doze. Você não viu o que eu vi. Você não viu quanto sangue eu vi. O Zero vai pegar a gente aqui e...

12: Para! Ele não vai pegar ninguém. É aqui que você disse que ele guardou os livros?

13: Eu não sei! Me solta. Eu era criança. Vai ver nem é verdade, eu não consigo te dizer se é memória ou se inventei, a memória da nossa infância é assim, não é? Se confunde com a invenção.

12: Não, isso é diferente. Ele te prendeu no quarto porque você encontrou os livros dele, é uma memória muito difícil de inventar.

13: Mas eu não lembro o que tava escrito, então...

12: Mas lembra que tinha um homem preto na capa.

13: Lembro.

12: Já é o suficiente.

13: Pra quê?

12: Pra provar pra vocês que essa guerra não existe.

13: Doze, eu preciso te contar outra coisa.

12: Achei!

13: Achou o quê?

12: O livro com o homem preto na capa.

13: Você tem certeza?

12: Sim, mas tá todo rabiscado. Por que ele fez isso? Ele riscou tudo!

13: Como assim?

12: Toma, lê uma página! Você lê melhor que eu.

13: “O elogio da morte”, mas ele riscou e escreveu “O elogio do Branco”...

12: Por quê?

13: Não sei. Ele escreveu branco em cima de morte e preto em cima de vida no texto inteiro.

12: Lê!

13:

O elogio do Branco

Não sei quem foi que disse que o Preto é feito pelo Branco. É a destruição contínua e perene que faz o Preto. A esse respeito, porém, eu quero crer que o Branco mereça maiores encômios.

É ele que faz todas as consolações das nossas desgraças; é dele que nós esperamos a nossa redenção; é ele a quem todos os infelizes pedem socorro e esquecimento.

Gosto do Branco porque ele é o aniquilamento de todos nós; gosto do Branco porque ele nos sagra. Pretos, todos nós, só somos conhecidos pela calúnia e maledicência, mas, depois que Ele nos leva, nós somos conhecidos (a repetição é a melhor figura de retórica), pelas nossas boas qualidades.

Mas é inútil estar vivendo, para ser dependente dos outros; é inútil estar vivendo para sofrer os vexames que não merecemos. O preto não pode ser uma dor, uma humilhação de contínuos e burocratas idiotas; o Preto deve ser uma vitória. Quando, porém, não

se pode conseguir isso, o Branco é que deve vir em nosso socorro...

Por que ele fez isto?

12: Tem mais um monte de coisas aqui... Isso é o que faltava pra eu provar pra vocês que essa guerra é uma mentira. A gente foi enganado. Documentos, fotos, outros livros, um diário...

13: Doze, eu preciso te contar outra coisa. [...] Doze!

12: A gente precisa encontrar os outros... Agora! [*Sai.*]

23: Quarenta, você tá sangrando.

40: Eu não quero que ninguém saiba.

23: Mas precisam saber. O que aconteceu?

40: Eu vou tirar a mão da sua boca. Por favor, não grita. Fala baixo.

23: Mas precisam saber... O que aconteceu com você?

40: Nosso tempo passou. Esse é o rastro que ele deixou pra trás.

23: Quem fez isso com você?

40: A paixão. Ela pode se transformar em ódio no tempo do canto de um galo. A paixão me humilhou, me diminuiu por ser quem eu sou. A paixão soube ser muito cruel. A paixão me empurrou pra um poço vazio de onde eu achei que não ia sair nunca mais. Ali dentro eu não me vi somente com os meus olhos, vi também com os olhos dela, como se o mundo tivesse bipartido. Também senti que estar ali era culpa minha, só minha. Encontrando nesse corpo uma barreira dura, uma casca... A paixão se

debateu tanto que virou ódio. Eu não queria conviver com esse ódio. Então eu fiz como você disse... Rasguei a pele preta da noite com esse pedaço de espelho na esperança que ódio saísse.

23: O que você tá falando? Não. Não. Isso não é culpa sua.

40: Você pode dizer que não, mas...

23: Foi o Zero que fez isso!

40: “Isso”. Você deve tá vendo uma monstruosidade na sua frente agora. Quem fez “isso” foi eu.

23: É preciso uma ferida mais profunda pra tirar o brilho de quem carrega um reinado todo dentro do peito. [*Beija Quarenta.*]

[*O sino da igreja soa.*]

CORO:

Assim como o corpo é uma unidade,

40: Para essa merda de sino

CORO:

*embora tenha muitos membros
e todos os membros,*

23: O mundo se abriu. Eu não quero ouvir essa merda

CORO:

*mesmo sendo muitos, formam um só corpo,
assim*

40: Eu não quero ser a massa pra essa droga de...

CORO:

é também com respeito a Cristo.

Pois em um só corpo todos nós fomos batizados em um único

Espírito:

quer escravos,

23: Eu não sou seu...

CORO:

quer livres...

40: Eu não...

CORO:

E a todos nós foi dado beber de um único Espírito.

O corpo não é composto de um só membro,

23 e 40: Não é teu meu corpo! Eu tenho um corpo solto e nesse corpo tantos outros, nos meus olhos tantos olhos, na minha boca outras milhares, famintas, sedentas, violentas as línguas, podem soltar palavras que fariam ranger os dentes do seu soldado mais potente, com seu canhão mais esperto, pés que correm o vento capazes de manter aberto o mais torto dos caminhos, se o espinho nasce na flor pra proteger, eu sou o espinho ao contrário, no seu corpo virado, eu vou te ver sangrar por dentro aos poucos, até te ver sua pele seca, mesmo inundando de dor, porque eu não sou um

CORO:

mas de muitos.

Se o pé disser: “Porque não sou mão,

23: Eu não sou seu...

CORO:

não pertença ao corpo”, nem por isso deixa de fazer parte do corpo.

E se o ouvido disser: “Porque não sou olho, não pertença ao corpo”;

nem por isso deixa de fazer parte do corpo.

Se todo o corpo fosse olho, onde estaria a audição?

23: Eu não...

CORO:

Se todo o corpo fosse ouvido, onde estaria o olfato?

De fato, Deus dispôs cada um dos membros no corpo,

segundo a sua vontade.

23 e 40: [*Colocando a mão na maçaneta da capela.*] Eu negro...

CORO:

Se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo?

23 e 40: Assim, há muitos membros, mas um só corpo.

12: Treze, me passa a farinha.

13: Tá aqui.

23: Vamos rápido com essa massa, gente. Daqui a pouco o Zero vem buscar os pães para o Padre e a gente ainda não terminou nada.

40: Tão quase prontos...

[*Longa Pausa. Atônitos.*]

12: Eu... Eu tinha algo pra contar pra vocês, mas eu...

13: Eu também, eu sinto, mas eu...

40: Meu rosto dói e eu...

23: Eu sentia uma grande... Mas eu...

12: Eu não lembro bem.

23: Eu acho que... Quarenta eu queria te dizer que eu te...

[*O sino da igreja soa.*]

40: Vinte e Três, eu sentia que...

[*O sino da igreja soa.*]

13: Eu precisava confessar pra vocês que...

[*O sino da igreja soa.*]

12: Eu achei um diário e...

[*O sino da igreja soa incessantemente. Flashes de luz. Movimentos cortados.*]

Quinta quebra lírica

13: Longos dias se passaram, fizemos tantos pães que mal cabiam na fazenda, andávamos sobre pães, dormíamos sobre pães, sonhávamos. Quarenta e Vinte e Três abriram a porta da capela, ela seguiu aberta por muitos e muitos dias. Não tínhamos coragem nem mesmo de olhar, algo nos impedia. Numa noite enquanto todos olhavam pro teto, sem conseguir dormir, sem falar também, sem saber dizer, ouvimos um tiro.

23: Doze não tá na cama!

40: Pra onde foi?

12: Tô sim!

23: Achei que você tinha saído. Achei que você tinha tentado fugir.

12: Não consigo.

40: Se não foi Doze, que foi isso?

13: A capela! Levantamos, fomos juntos. Nem sol ainda tinha, nem sino, nem nada. Uma completa e fria madrugada, velas já no fim de suas vidas iluminavam o escuro de dentro da capela fria. No centro lá estava ela, a favela, uma árvore magra, vazia de cor. Será que foi sempre assim? Bem o oposto do que imaginávamos. No lugar de seus frutos deliciosos: espinhos afiadíssimos que causavam tanto admiração quanto medo, e uma raiz... Firme, do tipo difícil, quase impossível de derrubar. Encostada num dos galhos uma única fruta preta, uma fruta triste e estranha. Era o corpo do Zero, ainda quente, que buscava seu último suspiro de vida.

[...]

13: O retiramos de lá, o deitamos sob os pés da favela. Depois de um longo silêncio de um tempo que nem sei dizer...

12: Isso aqui era dele. Eu ainda não li, não tive coragem, mas queria que a gente lesse.

Meu diário,

Eu não consigo me adaptar a esse lugar esquisito onde minha mãe me deixou. Eu sinto ódio e dor, em contraste com tanta beleza. O cuidador daqui é um Padre. O Padre não me chama pelo

meu nome. Pra ele eu sou o Zero – é como ele me chama – o primeiro de uma safra.

40:

Meu diário,

O cansaço tem me consumido. Eu não sabia que teria que trabalhar tão duro aqui. À noite meus músculos tremem involuntariamente. O sono é péssimo, mas logo bem cedo o Padre me acorda pras tarefas diárias: Tocar o gado, cuidar do pasto, marcar a ferro o filhote novo, deixar que o gado fique um pouco solto, ficar atento à reprodução, tocar o gado de novo, ver muito bem se não ficou um solto e ajustar as cercas com muita atenção. Durante a tarde o estudo – história, ascensão branca, depressão negra; geografia, dominação branca, exploração negra; ciência, branca; matemática, branca; língua, branca; escrita, branca. Ao soar o sino, preparar o pão, ao entardecer, o sermão. Não sei por quanto tempo vou agüentar isto. Espero ser recompensado.

23:

Meu diário,

O Padre é um porco. Ele me chicoteou com uma vara de marmelo, eu ainda não entendi o porquê. Hoje eu não quero escrever. Eu vou fugir daqui.

13:

Meu diário,

Estou doente. Escrevo com muita dificuldade. O Padre diz que não é nada grave, mas já é o quinto dia que não consigo levantar da cama. Eu ouvi ele falando que chegaram outros como eu. Há trabalho a ser feito. Se eu morrer aqui não vai fazer muita diferença

40:

Meu diário,

O Padre tem passado horas regando uma arvore seca. Eu não sei o que ele quer com ela, mas ele tem passado dias a fio nessa labuta.

23:

Meu diário,

A Fazenda está repleta de crianças. O Padre as comprou. Esta é a palavra: Comprou. Elas não foram salvas de guerra nenhuma, ele pagou por cada uma. Eu não sei o que fazer com esta informação. Fico pensando se não foi isto que também fez comigo. Tenho vontade de matar ele e não há um dia sequer que eu não pense nisso. Escrevo pra sobreviver, escrevo pra não enlouquecer.

12:

Meu diário,

O Padre tem me tratado como um filho. Ele está muito doente, é uma doença contagiosa. Ele diz que um dia tudo isto será meu. Eu não saberia o que fazer com isto. Com todas estas crianças. Ele diz que ele sempre viverá em meu coração e me guiará... Que assim seja.

13:

Meu diário,

O Padre arranjou uma nova criança. A mãe dela foi quem a trouxe aqui. Assim como minha mãe fez comigo. Eu vi nos olhos da criança a mesma esperança que eu via. Pobre criança. E o Padre já não pode mais cuidar de ninguém. Terei que ser eu a fazer isto. A mãe da criança diz que é “dançarina”, como a minha também dizia... Pobre criança.

-
- Que lugar é este, mãe?*
 - Meu bem, você terá que ficar aqui por uns tempos.*
 - Pra onde você vai?*
 - Conseguir dinheiro pra gente. O Padre cuida muito bem das crianças por aqui, você vai ter vários amigos, nem vai sentir minha ausência.*
 - Vou sim! Eu não vou ficar aqui!*

- *Você tem que ficar. Não temos outra escolha.*
 - *Você vai me abandonar aqui!*
 - *Não vou meu bem, não vou!*
 - *Vai sim! Eu nunca mais vou te ver!*
 - *É claro que vai, eu volto logo... Eu preciso fazer isto. Não posso te deixar passando fome.*
 - *Se você me abandonar aqui, você vai morrer pra mim.*
 - *Eu vou voltar, um dia eu volto.*
-

40:

Meu diário,

O Padre acaba de morrer. As crianças não sabem disso. Enterrei o seu corpo debaixo da favela. Este é o meu fim também. Tentei procurar por mim mesmo, mas não encontrei. Já estou aqui há tantos anos que não existo mais. Por dentro sou nada mais que vazio. Não há mais Padre, mas tem de haver alguém. Se não houver, será eu, mas não existe eu. Tem de haver um Padre.

13:

Meu diário,

Essa criança nova exige correção. Não aceita que a chamem de Treze e diz que sua mãe logo volta pra buscar. Essa criança agita as outras crianças. O que o Padre faria?

12:

Meu diário,

Uma das crianças disse que sou como ela, me perguntou da guerra, me perguntou se eu gosto... Se eu gosto de ser preto. Eu... Eu não lembrava disso.

23:

Meu diário,

Há tempos eu não escrevo aqui. As coisas mudaram muito desde

então. Eu não sou mais o mesmo. Nem sei se sou ou se apenas estou vagando à sombra de alguém. Mexendo nos registros, descobri que eu e Treze temos a mesma mãe. Minha mãe, ela fez isso duas vezes. Nossa mãe ela voltou aqui e não me levou. Ela deixou essa criança e essa criança...

Decidi acabar com tudo. O Padre vive em mim, e só há um jeito de livrar a mim e a todos os que estão aqui... É o fim.

Se alguém encontrar este diário, que enterre meu corpo fora deste lugar pra que ao menos o meu espírito possa estar livre. À Treze deixo esta fazenda. Amém.

CORO:

Deverão ser entregues nas dependências da Fazenda Perpétuo Socorro.

40: Número de registro 40, pai e mãe desconhecidos. Nome a critério do comprador. Valor: ...

23: Número de registro 23, pai e mãe desconhecidos. Nome a critério do comprador. Valor: ...

12: Número de registro 12, pai e mãe desconhecidos. Nome a critério do comprador. Valor: ...

13: Número de registro 13, pai desconhecido. Nome a critério do comprador. Valor: ...

CORO:

Zero. Matéria intensa e não formada. Um número que abraça aquilo que já veio e que impulsiona o que está por vir.

Sexta quebra lírica

[*O sino da igreja soa.*]

12: Aonde vocês vão?

40: A gente precisa fazer os pães.

23: Treze, me passa a farinha.

13: Tá aqui.

23: Vamos rápido com essa massa, gente. Daqui a pouco o Zero vem buscar os pães pro Padre e a gente ainda não terminou nada.

12: Vocês tão loucos?

13: Será que tem água o suficiente?

23: Me passa o sal.

40: Vou acender a fornalha.

12: A gente precisa ir embora daqui agora!

13: A gente precisa fazer os pães.

12: A gente não precisa nada!

13: A gente precisa.

23: Tocar o gado.

23: Cuidar do pasto.

13: Marcar a ferro o filhote novo.

40: Deixar que o gado fique um pouco solto.

23: Ficar atento a reprodução.

40: Tocar o gado de novo.

13: Ver muito bem se nenhum ficou solto.

40: E ajustar as cercas com muita atenção.

13: Estudar.

23: História.

40: Ascensão branca.

13: Depressão negra.

40: Geografia.

23: Exploração branca.

40: Dominação negra.

23: Ciência.

13: Branca.

23: Matemática.

40: Branca.

23: Língua.

13: Branca.

23: Escrita.

40: Branca.

12: NÃO! NÃO! NÃO! CHEGA! O que tá acontecendo com vocês? A gente não precisa nada. A gente não precisa de mais nada disso. A gente precisa ir embora. Fugir. Correr o mundo. A gente precisa escapar dessa arapuca. Quebrar essas cascas. A gente... A gente precisa um monte de coisas, mas o que a gente menos precisa é ficar aqui! Vocês não viram? Não tem nada lá.

13: Tem que ter.

12: Não tem!

40: Não dá pra sair daqui.

23: A gente tá preso aqui.

13: Lá fora não tem nada pra gente.

12: Tem um mundo! Vocês tã com medo?

13: Quem inventou esse mundo?

40: A gente tem que ficar aqui, aqui é seguro.

12: Aqui não é nada!

23: Mas a gente é preto e tem uma guerra lá fora.

12: Mas a gente não é só isso, a gente não pode ser só isso. A gente não pode ser só uma cor, isso aqui é só carne, é só car-

ne. A gente é bem mais que isso. Eu não quero ser preto nem branco, eu quero não ter nome. Vamo embora! Vamo correr! Vamo rir por aí. Aqui é tão pequeno.

40: Não dá pra sair daqui.

12: Então fica! Então fica! Eu vou embora! Eu vou e deixo vocês aí. Eu vou e um dia eu volto, eu busco vocês só pra provar que o mundo lá fora não é dividido por cor, que é bem mais que isso...

23: Vai então!

13: A gente fica.

12: Vocês são burros! Burros! Burros! Burros! Cegos! Não enxergam um palmo na frente do próprio nariz!

[...] [...] [...]

[*Todos se abraçam.*]

12: Vamos embora, por favor.

CORO:

Não dá...

12: Eu preciso ir... Eu preciso ir...

[*Se soltam do abraço.*]

12: Eu vejo corpos caídos ao meu lado, e agora eu que já me levantei, preciso ajudar que os outros corpos se levantem, sem interferir no caminho deles...

[*O estampido de um tiro. O sino da igreja soa.*]

13: Não há um Padre. Mas tem de haver um Padre. Eu o sinto certo como minha respiração. O sinto com seus cem olhos observando tudo, se deleitando com a guerra. A verdade não é uma questão de quem enxerga ou não enxerga, mas uma questão de quem a suporta. Outros segredos caíram sobre o meu segredo, outras verdades adormeceram minha verdade e mesmo assim, eu não podia me mover. Entrar na capela não foi suficiente, enxergar a favela não foi suficiente. Doze sempre esteve um passo a frente da gente. Foi preciso ver Doze se despedindo de nós, foi preciso escutar o barulho do pássaro de ferro que atingiu seu peito pra sentir a guerra viva, como nunca. A guerra que arrastou minha mãe e que me jogou naquele lugar. Uma guerra de cães devoradores de homens, de monstros de concreto que sugam corpos, de pássaros de ferro que perseguem os pretos. Doze e seu barco mal tinha saído da margem... Mal tinha conseguido sair. Corremos pra tentar salvar, não tinha corpo. Procuramos por dias, e nada. Como aquela criança... Talvez as águas tenham levado.

Eu tenho uma dívida com Doze.

Neste momento sigo em algum canto dessas águas intermináveis. Deixei pra Quarenta e Vinte e Três minha herança sangrenta, a Fazenda, e eles abriram suas portas, querem erguer ali, aos pés da favela, um novo tempo em que a paz não seja como um cão cínico e covarde escondendo um osso velho, mas sim como um lobo uivando, pronto pra atacar. A minha missão é diferente, sigo procurando um corpo. Às vezes penso que ele nunca existiu, que foi inventado, assim como foi inventado esse meu. Procuro Doze nas águas turvas e, enquanto isso, de dentro deste pequeno barco, puxo quantos pretos e pretas couberem.

Salvarei quantos conseguir, e quando não couber mais, eu pulo do barco e vou a nado. Farei isto até que a guerra acabe. Juntarei irmãos e irmãs e aprenderemos um com o outro a se defender,

eu ensinarei a escrita e eles me ensinarão outras coisas. Quanto mais de nós aprendem a se proteger, mais aqueles que soltam os pássaros sentirão medo. E na maré contrária dos olhos sedentos, rasgaremos a negridão da noite, flutuando em águas sangrentas e sem fim. Rasgaremos a negridão da noite, ainda que nos observem. Todos os olhos em mim. Todos os olhos em nós. Estamos escrevendo nossa história, do nosso jeito.

[*O sino da igreja soa.*]

CORO:

*Assim como o corpo é uma unidade, embora tenha muitos membros,
e todos os membros, mesmo sendo muitos, formam um só corpo,
assim é também com respeito a Cristo.
Pois em um só corpo todos nós fomos batizados em um único
Espírito:
quer escravos,
quer livres.
E a todos nós foi dado beber de um único Espírito.
O corpo não é composto de um só membro, mas de muitos.
Se o pé disser: “Porque não sou mão, não pertenço ao corpo”,
nem por isso deixa de fazer parte do corpo.
E se o ouvido disser: “Porque não sou olho, não pertenço ao corpo”,
nem por isso deixa de fazer parte do corpo.
Se todo o corpo fosse olho, onde estaria a audição?
Se todo o corpo fosse ouvido, onde estaria o olfato?
De fato, Deus dispôs cada um dos membros no corpo,
segundo a sua vontade.
Se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo?
Assim, há muitos membros, mas um só corpo.*

Fim

MEDEIA HOMENS

Robinson Gonçalves Oliveira



sobre o autor

Nascido em Porto Alegre, Robinson iniciou no teatro em 2016, no núcleo de atuação da Casa de Cultura Mario Quintana e da Teatraria ao Cubo. Mudou-se para São Paulo em 2018, onde participou do Núcleo de Dramaturgia da ELT e cursou atuação na SP Escola de Teatro. Já teve dois textos seus montados: “Laura não Gosta de Oasis” e “Zoológico Humano”.

Prólogo

CORO DE DRAMATURGOS

Sete, 7, sete, 7, sete, 7, sete homens na encruzilhada.

No antes, no durante e no após.

O primeiro é sete, o segundo é sete, o terceiro é sete, o quarto é sete, o quinto é sete, o

sexto é sete

e o sétimo é homem.

No antes, no durante e no após, na encruzilhada,

onde o olho alcança todos os caminhos, mas os pés só veem um por vez, um e sete estão cercados pelo o infinito e o nada.

[Os sete dramaturgos realizam um ritual de iniciação, uma dança diáfana, onde seus corpos interagem de forma delicada. Aos poucos os movimentos ficam bruscos e violentos, por vezes eróticos. Eles vão se transformando em homens (enquanto o ritual acontece, é montada uma mesa para a realização de um seminário no qual os dramaturgos irão participar). Chegado o fim da iniciação, os setes dramaturgos/homens, exaustos e ofegantes, se dirigem à mesa do seminário de forma civilizada.]

CORO DE DRAMATURGOS

Deste meu lugar, eu vejo.

Eu vejo, vejo, vejo.

Deste meu lugar eu falo, falo, falo, falo.

Falo de Medeia.

Quantos não falaram?

Eurípedes

José Triana

Heiner Müller

Chico Buarque

Paulo Pontes

Agostinho Olavo

Eu

EU HOMEM FALO

FALO, FALO, FALO, FALO, FALO, FALO, FALO, FALO...

Ato I - Eurípedes

[431 a.c. Eurípedes, dramaturgo nascido em Salamina, Grécia, está escrevendo sua mais nova obra, *Medeia*. A trama narra a história de uma mulher que após descobrir que o marido, Jasão, a trocou por outra, decide se vingiar matando os próprios filhos. Esta versão, da mãe assassina de sua cria, foi a que perpetuou ao longo dos séculos e vigora até os dias de hoje. No entanto, antes de Eurípedes, outras versões da história de *Medeia* circulavam entre os gregos. Na *Teogonia* de Hesíodo, a princesa da Cólquidamata seus filhos sem querer e em outras versões são os cidadãos de Corinto que matam as duas crianças. Nossa história decide seguir essa última tradição. Os cidadãos de Corinto decidem procurar Eurípedes para que ele coloque a responsabilidade do infanticídio em *Medeia*, pois não querem entrar para a história como assassinos.]

Narrar é construir a memória dos tempos que virão.

[Cidadãos de Corinto estão com as mãos repletas de sangue estendidas a Eurípedes.]

CIDADÃOS

Matamos!

Matamos!

Nós, os cidadãos,

Apedrejam os filhos da bárbara.
Dois cadáveres em plena ágora.
Agora, limpe as nossas mãos.

EURÍPEDES

Cidadãos de Corinto, o que querem que eu faça?
Sou apenas um poeta e mais nada.
O melhor é recorrer a quem tem plenos poderes de os absolver.

CIDADÃOS

Então! Você!

EURÍPEDES

Eu?

CIDADÃOS

Você!
Carrega não mãos armas tão letais quanto as pedras que atiramos. Escrever não é dádiva, é dívida!
Não há anjos, musas, vocação.
Há o pão, há a fome, há o poder, há o controle.
Escrever é decidir quem vive e quem morre, sem metáfora.
É uma arte bélica e não simbólica!

EURÍPEDES

Cidadãos, me ofendem.
Comparando minha arte com a guerra?
Sou o primeiro a acusar em qualquer batalha a ausência de razão.
Me comparam com a impiedade,
Mas foram vocês que mataram dois meninos de tenra idade,
Dois futuros cidadãos de sua terra,
Ou esquecem que além de filhos da bárbara, os guris eram filhos de Jasão?

CIDADÃOS

Poeta, não queremos ofender tua moral,
Queremos comprá-la.
Há fortuna dentro desta mala
Basta tornar a bárbara assassina e não vítima
Que tudo o que houver dentro dela será teu.
De mais a mais, as crianças já estão mortas,
E, de certa forma, foi a mulherzinha que as preparou à forca.
Macumbeira,
Envenenou o rei Creonte e sua filha, a estrangeira. Aposto
que quando soube da cria morta, nenhum lacrimejo brotou
daqueles olhos.
Aquilo é bruxa, perigosa, repleta de arдил. Sabedora de ervas,
poções, molhos,
Aquilo não tem brios.
Nas suas veias não tem soro, nem plasma, sangue,
que corre é lodo
numa alma que é puro manguê.

EURÍPEDES

Cidadãos, o que me pedem é cruel demais,
Como viver em paz
Transformando uma vítima em algoz
Além do mais,
temo a vingança feroz
que a bárbara irá armar ao saber que eu a tornei assassina.
O que será de mim, de nós?
Não percebem a tragédia que se aproxima?

CIDADÃOS

Poeta, você terá a glória eterna!
Nesse mundo masculino
Quem não vai se sensibilizar com o destino de dois meninos,
cuja mãe é assassina?
Quem não vai crer

nos motivos que levam uma mulher traída a se defender?
Eurípedes, você será glorioso,
Outros poetas serão esquecidos,
Enquanto você se tornará colosso.
Teu nome atravessará os tempos,
Já outros serão quebrados e descartados como louça.
Ouça: "A glória eterna"

[Eurípedes começa a dizer repetidas vezes "a glória eterna". Com o sangue das mãos dos cidadãos ele escreve em um papel "Medeia Assassina".]

EURÍPEDES

Estão certos, não posso escapar do que me destina:
A glória eterna.
Foi a bárbara quem matou seus filhos, por ciúme.
Foi você quem cometeu o crime, Medeia,
ASSUME!

*Toda mulher nasce estrangeira,
De seus corpos são apartadas
De sua pátria sabem pouco ou quase nada
Tratadas como mala aduaneira
Toda mulher sabe o que é um campo de refugiados
Não precisa ser síria, nigeriana, palestina
Sabem elas, desde meninas,
o que é ter seu país devastado,
o que é ter cada passo vigiado,
em uma terra cheia de fronteiras.
Essas, inventadas pelos homens,
guardam semelhanças com as cicatrizes.
Toda ferida, antes de virar marca,
um dia foi sangue e pus.*

***Observadas dos mapas,
as fronteiras nada mais são que linhas divisórias, Porém,
todas guardam uma doída história
pra ser esquecida depois.***

[Eurípedes passa a lavar as mãos dos cidadãos de Corinto. Aos poucos, Medeia vai sendo iluminada no palco.]

CIDADÃOS

O poeta acaba de escrever que você não passa de uma assassina Esquartejou seu irmão, envenenou sua rival, sufocou seus filhos.

Medeia:

Louca, vingativa, passional.

Assim foi traçado o seu destino

Que ratos infestem sua vagina,

Que manicômios lhe encham de eletrochoques,

Que muros sejam erguidos impedindo sua passagem,

Que sua vida seja nas margens,

Em cozinhas, conventos, abortos clandestinos.

MEDEIA

Cidadãos, acreditei que fossem mais espertos.

Rogando pragas a uma feiticeira?

Pensam o quê? Eu não sou tuas Helenas.

Eu fumo, eu bebo, eu jogo no bicho.

Não zelo por nenhum marido,

Por isso me comparam as vacas, galinhas, cadelas.

Acham que assim vou ter meu ego ferido?

Só deixam mais evidente que eu pertenço a natureza

Não sou mulher da cultura,

Que costura, apascenta, reza,

Sou a tempestade, o terremoto, o volteio.
Sou Medeia e digo sem rodeios:
Vão à merda!

CIDADÃOS

Não tememos tua feitiçaria
Somos nós que detemos a sabedoria,
O logos, a razão, a penicilina.
Homens fazem medicina
Mulheres bruxaria
Mulheres são doutas
Homens são doutores.
Vocês até podem ser protagonistas,
mas seremos nós os redatores.
Então, aquieta-te!
O papel é bom.
A atriz que irá te representar terá grandes momentos.
Irá gritar, berrar, suar,
e quando chegar a hora da mãe matar seus rebentos
AAAAAAAhhhhhhh OOOOOOOOOOOOOhhhhhhhhhh
UUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUhhhhhhhhh
A catarse se fará
E o público se encherá de sentimentos.

MEDEIA

Você hein, Pipi?
Que papelão!
Me pintando como criminosa em troca de meia dúzia de tostão?
Cagão!
E eu ainda reclamava do Jasão
Eu é que não vou aqui ficar fazendo média:
Como um trágico, tu é uma comédia.
Eu não rapei meus tachos!
Mas isso não quer dizer que na minha vida

eu não tenha causado ferida
ou mesmo levado a óbito muito macho.

E se preciso for mato

mais um

mais dois

mais três

mais quatro

mais cinco

mais seis

mais sete...

Até aprenderem que não se mexe, não se brinca, não se agita
uma sacerdotisa de Hécate.

EURÍPEDES

Por favor, Medeia, faça o que quiser comigo!

Me deixe sem água, sem pão, sem abrigo,

Mas não faça nada a minha obra, te suplico.

MEDEIA

Eurípedes, para de drama!

O lance agora é performance

Eu não vou destruir tua trama

contos, peças, crônicas, romances.

Eu vou destruir o mundo que te fez

Esse clube do bolinha que te deu a glória eterna há de ver a morte

Porque nada é eterno

Humanos e porcos, deuses e sacerdotes,

Todos morrem, com ou sem promessas de céu e inferno.

Minha praga é que

Suas helenas se descobrirão bárbaras

E nas fogueiras que vocês irão preparar para queimá-las

Elas serão gasolina,

GA-SO-LI-NA!

Quer fazer de mim a assassina?

Que o faça
(Pausa)
Quem é o dramaturgo desta bagaça?

[*Eu levanto a mão.*]

Ato II - Eu

MEDEIA

O que você quer comigo?
Dá um tempo,
Tô cansada de ficar falando sobre esse mundo fodido
Tô farta de me chamarem só pra dar textão
Dos negros vocês querem uma história de racismo, fome se
for mendigo,
E das mulheres algo sobre opressão?
Vai ser sempre assim?
Da próxima vez arranja outro assunto pra falar de mim.

EU

E qual assunto te agradaria?

MEDEIA

Barbie Maconheira. Eu acompanho todos os episódios, sabia?!
Toda feiticeira manja de ervas.
Projeção de vídeo de Barbie Maconheira, onde é narrada a história de Medeia como vítima dos cidadãos de Corinto.

CIDADÃOS

Absurdo! Absurdo!
Esteja surdo, diante do canto da sereia.
Ela vai te empurrar pro fundo do mar

Pra empanturrar tubarões, ciclopes, baleias.
A assassina tem que ser Medeia
Essa é a ideia que há milênios se semeia

[Projeção do espetáculo "Gota D'Água", no qual Bibi Ferreira realiza o "monólogo do veneno". A atriz que representa Medeia reproduz a cena de maneira idêntica. Ao final da projeção, ela continua a fazer os mesmos movimentos, porém, sem falas. Enquanto isso o coro dos Cidadãos passa a representar o monólogo, escrito por Eurípedes, em que Medeia toma a decisão de matar os filhos:

*"Não volto atrás nas minhas decisões,
sem perder tempo matarei minhas crianças
e fugirei deste [país].
Não quero, demorando,
oferecer meus filhos aos golpes mortíferos
de mãos ainda mais hostis.
De qualquer modo,
eles devem morrer e, se é inevitável,
eu mesma, que os dei à luz, os matarei.
...Ah, como sou infeliz"]*

EU

Eu

Sou o dramaturgo,

Responsável por este expurgo,

Que há tempos vem dando esporros na barriga da minha cabeça.

Se eu escrevo a palavra galo,

A não ser que um ator ou atriz se esqueça

ou propositalmente não permita,

é a palavra galo que será dita:

G

A

L

O

Se no papel o galo vem depenado, desossado e sem crista,
 Na boca de uma atriz ou ator,
 O galo briga, gorjeia, bica.
 Somos reféns destas criaturas,
 Que fazem a palavra ser carne e não literatura.
 É dentro de suas bocas quentes,
 Entre a saliva, a língua e os dentes,
 Que o cru vira cozido.
 Enquanto dramaturgos são dependentes
 de cadernos, máquinas-de-escrever ou coisa mais moderna,
 Atores são como caboclo de gira,
 Escrevem com o corpo,
 a tecnologia de todas as eras.
 Um autor até pode escrever um sim,
 Que um ator terá todo poder de dizer um não,
 Mesmo sem mudar uma vírgula do sim escrito.
 Basta um suspiro, um olhar, uma sinuosidade.
 Por isso, quero deixar dito
 Que, neste expurgo de minha total responsabilidade,
 Vós sois os malditos
 Os assassinos dos filhos de Medeia foram vocês:
 Cidadãos da cidade de Corinto.

[Os cidadãos passam a apedrejar as duas crianças. Ao final da cena resta apenas Medeia e eu. Ela reage completamente apática diante de tudo o que aconteceu. Ao perceber, decido lhe indicar os próximos passos.]

EU

Agora é o momento em que você chora
 E começa a lamentar a morte de seus rebentos,
 O coro de atrizes entoando nomes de mulheres malditas,
 Enquanto você é enxovalhada por unguentos.
 Em uma parte do palco a atriz começa a representar a cena
 proposta por mim, mas ela para bruscamente.

*até quando matéria-prima,
até quando commodities de exportação,
até quando colônia de exploração,
até quando objetos da psiquiatria,
da pornografia,
do espírito-santo,
até quando?*

MEDEIA

Você quer falar sobre o fogo ou deseja queimar esse mundo?
Se o seu desejo for o segundo,
Então encare o público.
Revela teus rasos e fundos,
teus lugares secos e húmidos,
tuas geleiras e trópicos.
Ou então só será mais um
achando que está reescrevendo a história
ao lado de exus e mendigos trôpegos,
mas não passa de um general espúria,
cujas as estátuas e glórias
escondem todo som e fúria
de uma vítima de genocídio buscando fôlego.
Nesse mundo masculino,
quem não irá se sensibilizar com um rapaz que torna Medeia
vítima e não assassina.
Vários admiradores e admiradoras pra você dar em cima,
com ares de libertário.
Se quer realmente queimar esse mundo, saia do armário,
E conta sobre a vez em que você tomou uma cartela de Viagra,
porque você não podia brochar de novo.

[Nesse momento eu começo a repetir em primeira pessoa os relatos que Medeia traz sobre minha vida. EU: "Eu tomei uma cartela de Viagra porque eu não podia brochar de novo."]

Ou sobre o fato de você colocar no aplicativo
que é ativo
Pra ter mais chances.
Porque de homens como tu
esse mundo quer a pica e não o cu.
Negão-macho-fodedor, sem nuances.
Fale sobre meninos e homens.
E deixe queimar!
O papel é muito mais útil ao fogo do que à escrita.

CORO DE DRAMATURGOS

Sete, 7, sete, 7, sete, 7, sete homens na encruzilhada,
No antes, no durante e no após.
E depois do após será o neo ou será o pós?
Vã guarda?
O futuro não se fingia.
Chega tão ligeiro que nem vemos sua fisionomia.
Vem tão devagar que só se consegue ver de longe uma coisa
sem forma. Sete homens que só tem um passado pra se agarrar,
Com medo do que virá
Se perguntam Josés:
E agora?

Os outros lados das histórias

Para que novas histórias sejam contadas, é preciso que novos narradores ganhem espaço. No teatro brasileiro, não é diferente. Nossos palcos viveram, nas duas primeiras décadas do século 21, um descortinamento de lugares de privilégio e uma forte cobrança por diversidade e representatividade. Este movimento vem gerando uma renovação de discursos e pontos de vistas em nossa cena teatral. E isso merece efusivos aplausos.

Para que a ebulição de discursos contemporâneos ganhe a cena, é necessário, sobretudo, que os conheçamos. No caso de novas peças de teatro, é preciso que sejam escritas, lidas e, obviamente, montadas. Só assim, os palcos terão outros lados de uma velha história chamada Brasil – implodindo padrões estruturais fundacionais da Nação, feitos para beneficiar uns em detrimento de outros.

Já era tempo de o Brasil compreender algo que todo bom escritor sabe: As histórias têm múltiplas narrativas. E a questão crucial é: Qual é o ponto de vista de quem conta? Porque toda história parte de uma visão, que é intencionada, mesmo que de forma inconsciente.

Como jornalista, que jamais deixou de ser um repórter curioso na cobertura diária da cena cultural brasileira, foi com imensa satisfação que aceitei o convite para integrar o júri da primeira edição do Prêmio Solano Trindade, dedicado à contemporânea dramaturgia escrita por jovens autores negros.

Estes jovens autores pertencem a uma inquieta geração que vem desestabilizando velhas estruturas e ocupando novos espaços sociais, como o próprio lugar da dramaturgia. Por isso, é preciso parabenizar todos os responsáveis por esta brilhante iniciativa, sobretudo a SP Escola de Teatro, dirigida por Ivam Cabral (à frente da Associação dos Artistas Amigos da Praça) e ligada à Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Governo do Estado de São Paulo, sob comando do secretário Sérgio Sá Leitão. Que este belo exemplo sirva para outras instituições.

Urge construirmos, para além de discursos momentâneos, um reparo histórico à população negra, que, não podemos esquecer, descende de pessoas que foram trazidas para o Brasil à força, para serem desumanizadas e escravizadas em prol de um fluxo econômico extrativista. Quando veio a abolição, há apenas 132 anos, nenhum tipo de reparo foi feito.

Para que a sociedade construa uma outra perspectiva para esta população tão vilipendiada ao longo dos séculos, são necessárias ações concretas, como este Prêmio e este livro, que reúne as obras contempladas nesta primeira edição. Obras que compõem, de certo modo, um panorama do todo de inscritos.

Foi uma honra fazer parte de um júri múltiplo e diverso, como deveriam ser todos os júris, no qual distintos pontos de vista se encontraram em um pensamento coletivo realmente democrático, coisa que anda em falta neste Brasil dividido pelo ódio binário emanado nas redes sociais.

É preciso aqui agradecer aos debates respeitosos e inteligentes que tive nesta comissão julgadora ao lado de Marici Salomão, nome fundamental quando o assunto é dramaturgia brasileira, a pesquisadora e comunicadora Rosane Borges, dona de farto saber, e a dramaturga Luh Maza, que vem rompendo barreiras e trilhando brilhante trajetória no mundo da dramaturgia e do roteiro. Ainda é preciso mencionar a assistência irretocável de Elen Londero e Ueliton Alves em todo o processo.

O teatro ainda é o lugar do encontro com o outro, onde podemos mergulhar em discursos para além dos nossos, ressignificando-os na fusão com nossas próprias experiências para a construção de significados.

E este livro está repleto desses discursos, no tocante poéticas e problemáticas típicas deste lugar surreal chamado Brasil, abordando temáticas caras à população negra, teatralizando questões desta subjetividade específica.

“Guerras Urbanas”, peça de Camila de Oliveira Farias, do Rio de Janeiro, que ficou em primeiro lugar, revela a crueldade da vivência cotidiana violenta, despida de direitos civis e na qual a relação com o Estado é mediada por armas de fogo que geram o genocídio negro. Ela apresenta um retrato desconcertante e indigesto do que a antes Cidade Maravilhosa se tornou.

Lucas Silva de Moura, de São Paulo, por sua vez, na peça “Como Criar para um Corpo Negro sem Órgãos”, que ficou em segundo lugar, aposta em uma sofisticada proposta poética de construção de sentidos, dialogando fortemente com a herança concretista paulistana e flertando com uma espécie de “pós-dramático-líquido-sem-amor-em-SP”.

Encerrando o trio de textos inéditos, a peça que ficou em terceiro lugar, “Medeia Homens”, é de Robinson Gonçalves

Prêmio Solano Trindade

Oliveira, autor do Rio Grande do Sul. Ele vai ao encontro do berço grego das tragédias seminais do teatro ocidental para propor um interessante diálogo com variadas opressões presentes na contemporaneidade.

Estas dramaturgias oriundas do primeiro Prêmio Solano Trindade, que leva o nome deste poeta negro fundamental de nossa história, são apenas um chamariz para conhecermos a nova dramaturgia negra brasileira. Esperamos que este livro também inspire outros processos de escritas que, certamente, deixarão o teatro nacional ainda mais pulsante e potente. Queira Deus, Oxalá!

Miguel Arcanjo Prado

Jornalista, mestre em Artes pela Unesp, pós-graduado em Mídia, Informação e Cultura pela USP e bacharel em Comunicação Social pela UFMG. Eleito pelo Prêmio Comunique-se um dos melhores jornalistas de Cultura do Brasil. É crítico da APCA, da qual foi vice-presidente, e passou pelos principais veículos, como Globo, Record, Folha, Abril e Band. Desde 2012 faz o Blog do Arcanjo. Em 2019 criou o Prêmio Arcanjo de Cultura no Theatro Municipal de SP. É Coordenador de Extensão Cultural e Projetos Especiais da SP Escola de Teatro.



“Guerras Urbanas”, de Camila de Oliveira Farias, “Como Criar para si um Corpo Negro sem Órgãos?”, de Lucas Moura, e “Medeia Homens”, de Robinson Gonçalves Oliveira, foram vencedoras da primeira edição do Prêmio Solano Trindade, que reúne obras de jovens dramaturgos negros do Brasil. A premiação, criada em 2019 pela SP Escola de Teatro, é uma homenagem ao ator, diretor, cineasta, escritor e militante pernambucano Francisco Solano Trindade (1908-1974), em cuja obra fez marcantes denúncias contra o racismo e o preconceito.



ISBN: 978-65-993326-2-3



9 786599 332623